



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
SECRETARIA DE ESTADO, DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA (SEEC)  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)  
CAMPUS AVANÇADO PAU DOS FERROS (CAPF)  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS (DLE)

ALEX SOUZA BEZERRA

**“SAIBA COMO SAIR DE UMA RELAÇÃO DOENTIA”**: UMA ANÁLISE DAS  
POSTURAS ENUNCIATIVAS NOS DISCURSOS SOBRE AS RELAÇÕES  
AMOROSAS NO CANAL TRANQUILO AMOR

PAU DOS FERROS – RN  
2022

ALEX SOUZA BEZERRA

**“SAIBA COMO SAIR DE UMA RELAÇÃO DOENTIA”:** UMA ANÁLISE DAS  
POSTURAS ENUNCIATIVAS NOS DISCURSOS SOBRE AS RELAÇÕES  
AMOROSAS NO CANAL TRANQUILO AMOR

Monografia apresentada ao curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa, do Departamento de Letras Estrangeiras – DLE, do *Campus* Avançado Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Língua inglesa.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Alves dos Santos Bernardino.

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S729s Souza Bezerra, Alex

Saiba como sair de uma relação doentia: uma análise das posturas enunciativas nos discursos sobre as relações amorosas no canal tranquilo amor. / Alex Souza Bezerra. - Pau dos Ferros, 2022.

75p.

Orientador(a): Profa. Dra. Rosângela Alves dos Santos Bernardino.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Análise textual dos discursos. 2. Responsabilidade enunciativa. 3. Posturas Enunciativas. 4. Mídias digitais. 5. Relações Amorosas. I. Alves dos Santos Bernardino, Rosângela. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ALEX SOUZA BEZERRA

TERMO DE APROVAÇÃO

**“SAIBA COMO SAIR DE UMA RELAÇÃO DOENTIA”:** UMA ANÁLISE DAS  
POSTURAS ENUNCIATIVAS NOS DISCURSOS SOBRE AS RELAÇÕES  
AMOROSAS NO CANAL TRANQUILO AMOR

Monografia apresentada ao curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa, do Departamento de Letras Estrangeiras – DLE, do Campus Avançado Pau dos Ferros - CAPF, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Língua inglesa.

Aprovada em: 09/05/2022

BANCA EXAMINADORA

Rosangela Alves dos  
Santos  
Bernardino:85171000344

Assinado de forma digital por Rosangela Alves dos Santos Bernardino:85171000344  
DN: cn=Rosangela Alves dos Santos Bernardino:85171000344, ou=UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, o=ICPEdu, c=BR  
Dados: 2022.05.23 11:36:58 -03'00'

---

Prof. Dra. Rosângela Alves dos Santos Bernardino  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)  
Orientadora

Jose Cezinaldo Rocha  
Bessa:04424312445

Assinado de forma digital por Jose Cezinaldo Rocha  
Bessa:04424312445  
Dados: 2022.05.27 11:54:23 -03'00'

---

Prof. Dr. José Cezinaldo Rocha Bessa  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)  
Examinador interno



---

Prof. Ma. Daliane Pereira do Nascimento  
Secretária Municipal de Educação de Uiraúna (SEDUC)  
Examinadora externa

PAU DOS FERROS – RN  
2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela graça de ter chegado até aqui e por ter me fortalecido durante todo o percurso.

Aos meus pais, Helena e Manoel, por todo o apoio, até mesmo nos momentos em que eu duvidei do caminho. Certamente não teria chegado até aqui sem o encorajamento e sacrifício de vocês. É sempre uma experiência divina chegar em casa e saber que posso contar com o afago e acolhimento que só um pai e uma mãe podem dar.

Aos meus amigos, Aline, Lucélia, Moisés, Paulo, Thadeu e Vanessa, que estiveram ao meu lado nos momentos de maior dificuldade e que tantas vezes aguentaram as minhas chatices e os meus desabafos, que não foram poucos.

Ao meu amigo, Jhonnys, em especial, por essa jornada juntos na graduação. Foram muitos trabalhos, estresses, mas também muitas risadas e companheirismo que deixaram as minhas noites na universidade muito mais felizes.

A minha orientadora, Rosângela Bernardino, que me apresentou o universo da ATD, me ajudou a desenvolver essa pesquisa de forma leve e ainda me deu a consciência do meu caráter rígido. Gratidão pelas reuniões de orientação sempre bem-humoradas e até certo ponto, terapêuticas.

Por fim, apenas dizer que não sou muito bom em discursos, mas certamente trago um coração cheio de gratidão a tudo e a todos. E assim como São Pedro disse “Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho vos dou” (Atos dos Apóstolos 3,6), e o que tenho hoje são as minhas orações para que cada um receba uma porção dobrada das bênçãos que foram derramadas em minha vida.

*Aos meus pais que sempre me apoiaram  
nos meus sonhos e escolhas.*

“Eis por que sinto alegria nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições, no profundo desgosto sofrido por amor de Cristo. Porque quando me sinto fraco, então é que sou forte.”

(II Coríntios 12,10)

## RESUMO

A presente pesquisa se localiza pautada no campo da Análise Textual dos Discursos (ATD) e aborda a temática das posturas enunciativas em discurso/texto de vídeos de uma plataforma digital, nesse caso, refere-se ao canal *Tranquilo amor* da psicóloga e psicoterapeuta Luiza Colmán. O *corpus* da pesquisa trata dos vídeos sobre o amor e as relações amorosas no canal em questão. Assim, delimitamos como objetivo geral analisar como se manifesta textual e discursivamente os pontos de vista, as posturas enunciativas produzidos no âmbito da Psicologia sobre a temática do amor e das relações amorosas, com o objetivo específico de identificar e descrever os pontos de vista considerando as formações sociodiscursivas que os regulam; identificar e descrever as posturas enunciativas que se manifestam no discurso e refletir sobre os efeitos de sentido e o impacto dos discursos produzidos e socializados em redes sociais sobre a temática do amor e das relações amorosas. Para tanto, nos fundamentamos em Adam (2010, 2011), Rabatel (2016a, 2016b), Maingueneau (2008), Bernardino (2015), Faria (2015) entre outros autores que desenvolvem estudos na área. A análise e os resultados são fruto de uma pesquisa qualitativa, no qual nos apoiamos no processo misto de análise, que consiste em combinar os métodos dedutivo e indutivo. Trata-se de uma pesquisa documental tendo sido realizada a partir de categorias prévias fornecidas pela teoria adotada, a ATD, e por categorias suscitadas pelo próprio *corpus*, conforme a ação visada do locutor-enunciador em seu discurso. Assim, após explorarmos as categorias prévias da responsabilidade enunciativa e suas respectivas marcas linguísticas, e identificamos duas categorias que foram retiradas do *corpus* e são elas: PdV sobre amor saudável e o PdV sobre relacionamentos saudáveis. Concluímos, assim, através das marcas linguísticas de assunção, que o locutor-enunciador suscita muitas vozes em seu discurso, mas mantém um padrão quanto as posturas escolhendo sempre a co- e a superenunciação. Dessa forma, observamos o objetivo central do locutor-enunciador de sobrepor o seu ponto de vista frente a outros.

**Palavras-chave:** Análise textual dos discursos; Responsabilidade enunciativa; Posturas Enunciativas; Mídias digitais; Relações Amorosas.



## ABSTRACT

The present research is based on the field of Textual Analysis of Discourses (ATD) and addresses the issue of enunciative postures in discourse/text in videos on a digital platform, in this case, it refers to the channel Tranquilo amor by psychologist and psychotherapist Luiza Colmán . The *corpus* of the research deals, specifically, with videos about love and love relationships. Thus, we set out as a general objective to analyze how the points of view, the enunciative postures produced in the field of Psychology on the theme of love and amorous relationships are manifested textually and discursively, with the specific objective of identifying and describing the points of view considering the sociodiscursive formations that regulate them; Identify and describe the enunciative postures that are manifested in the discourse and reflect on the effects of meaning and the impact of the discourses produced and socialized in social networks on the theme of love and love relationships. To do so, we rely on Adam (2010; 2011), Rabatel (2016, 2016b), Maingueneau (2008), Bernardino (2015), Faria (2015) among other authors who develop studies in the area. The analysis and results are the result of qualitative research, in which we rely on the mixed process of analysis, which consists of combining deductive and inductive methods. It is a documentary research having been carried out from previous categories provided by the adopted theory, the ATD, and also by categories raised by the corpus itself, according to the targeted action of the speaker-enunciator in his speech. Thus, after exploring the previous categories of enunciative responsibility and their respective linguistic marks, we identified two categories that were taken from the corpus and they are: PoV about healthy love and PoV about healthy relationships. We conclude, therefore, through the linguistic marks of assumption, that the speaker-enunciator raises many voices in his speech, but maintains a pattern regarding postures, always choosing co- and super enunciation. In this way, we observe the speaker-enunciator's central objective of superimposing his point of view in front of others.

**Keywords:** Textual Analysis of Discourses; Enunciative Responsibility; Enunciative Postures; Digital Media; Love Relationships.

## LISTA DE QUADROS E FIGURAS

**Quadro 1:** Grau de responsabilidade enunciativa: categorias e marcas.....28

**Quadro 2:** Pontos de vista (PdV) e Posturas enunciativas presentes no corpus  
analisado.....56

\*\*\*

**Figura 1:** Esquema 3 – Determinações textuais ‘ascendentes’ e regulares  
‘descendentes’ .....20

**Figura 2:** Esquema 4 – Níveis ou planos da análise de discurso.....22

**Figura 3:** Esquema 10 – Dimensões da proposição-enunciado.....27

**Figura 4:** Hierarquização das posturas enunciativas.....33

**Figura 5:** Relações entre posturas e interações dialógicas.....55

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ATD – Análise Textual dos Discursos

E2 – Enunciador segundo

LT – Linguística textual

L1/E1 – Primeiro locutor-enunciador

RE – Responsabilidade enunciativa

PdV – Ponto de vista; Sigla usada por Adam (2011) para se referir a ponto de vista

PDV – Ponto de vista; Siga usada por Rabatel (2016 e outros trabalhos)

PIBIC - Programa institucional de iniciação científica

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>13</b>
<b>2 CAMPO TEÓRICO ASSUMIDO.....</b>	<b>18</b>
2.1 Análise Textual dos Discursos.....	18
2.2 Ponto de vista e responsabilidade enunciativa: questões conceituais.....	24
2.3 Posturas Enunciativas .....	32
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>36</b>
3.1 Caracterização da pesquisa .....	36
3.2 Constituição do <i>corpus</i> .....	37
3.3 As condições de produção do discurso terapêutico .....	38
3.4 Caracterização do <i>corpus</i> : o gênero aconselhamento psicológico .....	39
3.5 Categorias e procedimentos de análise dos dados .....	41
<b>4 ANÁLISE DAS POSTURAS ENUNCIATIVAS NO DISCURSO SOBRE O AMOR E RELAÇÕES AMOROSAS.....</b>	<b>42</b>
4.1 “Ame com saúde”: as posturas enunciativas em relação aos PdVs sobre a perspectiva do amor saudável .....	43
4.1 “A relação idealizada”: as posturas enunciativas em relação aos PdVs sobre relacionamentos amorosos .....	52
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>65</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Análise Textual dos Discursos (ATD) se situa entre o campo da análise do discurso (AD) e da linguística textual (LT), permitindo assim que linguistas com áreas de estudo divididas entre discurso e texto possam encontrar um novo caminho que, ao mesmo tempo que propõe uma separação, une as duas vertentes e assim deixamos de estar restritos a um único caminho ou pensamento para abrirmos a uma nova possibilidade de estudos e compreensão. Jean-Michel Adam, em suas pesquisas, buscou delimitar a separação e ao mesmo tempo a complementariedade do discurso e do texto, que em ambos os casos, as pesquisas desenvolvidas voltam-se para a compreensão de práticas discursivas, mas diferem-se por apresentar um objeto de estudo e categorias próprias, uma vez que com a ATD o linguista analisa as práticas discursivas porém, sem desconsiderar a materialidade textual (ele parte da materialidade para compreender as práticas discursivas), bem como Adam (2011) elabora as categorias de análise do texto.

É ainda relevante citar que Adam apresenta uma contribuição muito relevante ao articular texto discurso e gênero e que situa a LT no campo mais amplo da análise do discurso. Como a análise textual analisa a produção de sentidos, firma-se em um objeto concreto de estudo, que é o texto, e, assim, a ATD materializa os discursos propondo novas categorias de análise.

A presente investiga discursos proferidos em contextos digitais sobre temáticas amorosas. Isso se dá pelo fato de que, no atual contexto, uma das principais fontes de informação e formação é a *internet*, e principalmente os vídeos, das mais diversas plataformas, que são uma forma dinâmica e atrativa de se obter conhecimento sobre algo. Isso era algo que já estava em evidência, porém com a Pandemia global que enfrentamos a partir do ano de 2021, esse contexto ficou ainda mais evidente, já que muitos profissionais se viram obrigados a migrar para plataformas digitais como uma forma de ter contato com seu público. Além disso, universidades passaram a transmitir palestras, mesas redondas, entre outros eventos o que colocou o nível dos vídeos na internet em um patamar científico.

Não há como não olhar para esses meios de comunicação massivos e desconsiderá-los, já que os meios digitais são um grande aliado para a construção do conhecimento científico. Dessa forma, nos debruçamos sobre os conteúdos propagados

virtualmente, já que hoje eles entram nas casas, escolas e no meio acadêmico de um modo nunca antes apreciado.

É preciso considerar também que temas como o amor e as relações amorosas nunca deixaram de estar em evidência e, atualmente, essas temáticas retornam com uma nova roupagem, já que, com o passar do tempo, as relações humanas também têm passado por inúmeras transformações. Hoje é fácil nos depararmos com expressões como: embuste, amor tóxico, hétero top (sentido pejorativo) e relacionamentos tóxicos, e isso mostra o quanto a forma de como lidamos com relacionamentos se modificou com o passar dos anos.

Em momentos anteriores na história, as relações amorosas já ocupavam espaço em círculos de debates e existiam produções científicas ou literárias que colocavam em evidência essa temática. Hoje o acesso à informação se dá de uma forma diferente, apesar de os romances ainda estarem no cotidiano das pessoas, e é através das plataformas digitais. Nessa perspectiva, a forma como os discursos se estabelece também se modifica, e os locutores/enunciadores fazem novas escolhas que facilitam a comunicação entre os produtores de conteúdo e o público-alvo.

Assim sendo, existe uma demanda, e ela é concreta, e é nesse contexto que surgem os mais diversos profissionais (habilitados ou não) apresentando possíveis soluções para os mais diversos conflitos apresentados pelos usuários. Para a temática do amor e das relações amorosas, entre outros profissionais, se apresentam os psicólogos que resolveram compartilhar conteúdo relacionado ao tema em questão nas mídias sociais. Por conseguinte, os discursos apresentados nas mais diversas materialidades evidenciam posturas enunciativas que ajudam no gerenciamento das vozes e demarcam a assunção, ou não, da responsabilidade enunciativa, já que as vozes são constitutivas do dizer e, nesse tipo de discurso, essa categoria nos permite analisar a assunção ou o distanciamento em relação ao Ponto de vista (PDV) alheio. Isso se dá pelo fato de ser necessário que o profissional gerencie a voz de seus interlocutores com a voz de outros profissionais que dissertam sobre a temática e, entrelaçado ao discurso, que é próprio dos vídeos presentes nas plataformas digitais, os profissionais fazem escolhas pautadas nesse público que busca esse tipo de conteúdo.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar como se manifesta textual e discursivamente os pontos de vista, as posturas enunciativas produzidos no âmbito da Psicologia em um canal no *YouTube* sobre a temática do amor e das relações amorosas. E para isso seguimos com os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar e descrever os pontos de vista considerando as formações sociodiscursivas que os regulam;
2. Identificar e descrever as posturas enunciativas que se manifestam em discursos sobre a temática do amor e das relações amorosas abordada da perspectiva do psicólogo;
3. Refletir e discutir sobre os efeitos de sentido e o impacto dos discursos produzidos e socializados em redes sociais sobre a temática do amor e das relações amorosas.

Diante dessa contextualização inicial, podemos afirmar que a importância dessa pesquisa se dá pelo fato de que se faz necessário compreender o processo de discursivização dos conteúdos trabalhados em canais do *YouTube*, e, em segundo lugar, a relevância de articular diferentes dispositivos de análise a partir da ATD de ADAM (2011) e categoria da RE e postura de Rabatel (2021), estabelecendo relações entre lugares teóricos afins no campo dos estudos linguísticos do texto e do discurso, especialmente os que lidam com a interpretação da produção social de sentidos.

O *corpus* delimitado para a análise e obtenção de dados parte do discurso de uma profissional habilitada que é psicóloga e psicoterapeuta e que posta vídeos regularmente no *YouTube*, e por essa razão, apesar do ambiente aparentemente mais coloquial, temos um discurso que não parte de um “achismo”, mas que apresenta características científicas a partir de observações realizadas no consultório e nas mais diversas oportunidades de atuação no qual esse profissional está inserido. Frente a essas características, nos debruçaremos a compreender como se dá a gestão das vozes no discurso apresentado.

Como estamos diante de um contexto real de necessidades apresentadas pelos interlocutores que buscam ajuda nos mais diversos meios de comunicação digital, partimos de um pontapé inicial que indica que é subentendido que existem sofrimentos e conflitos causados pelas relações amorosas. Isso pode facilmente ser observado através dos comentários deixados pelos usuários das plataformas de vídeos, alegando o quanto aquele conteúdo é pertinente frente das mais diversas situações vividas por cada um.

Podemos, ainda, pontuar que o interesse pela investigação dessa temática se concretizou a partir de alguns pressupostos, como o de que existe uma imagem comum dos locutores-enunciadores, que seriam os especialistas no assunto e detentores de conhecimento suficiente para gerenciar as questões referentes ao tema abordado, visto que é do senso comum que o amor e as relações amorosas são, no geral, situações difíceis

de lidar. Por isso a escolha do psicólogo, já que se espera uma linguagem mais diretiva e uma gestão de vozes por parte de um profissional habilitado.

Voltados especificamente para a psicologia, essas marcas sugerem um aconselhamento, mas também podem expressar efeito de recomendação. E, mais uma vez, a corroboração do impacto desse tipo de conteúdo vem dos mais diversos comentários deixados pelos usuários de plataformas, como no Youtube, os quais deixam registrado uma identificação com o conteúdo apresentado e uma disposição à mudança de postura frente às proposições apresentadas pelos locutores-enunciadores.

Mas, por que psicologia? Falar sobre esse campo da ciência, particularmente, implica falar também do meu processo de formação até aqui. A psicologia sempre esteve presente desde o ano de 2012, quando iniciei a graduação e meus os estudos na área, que estavam relacionadas, principalmente, ao estudo da ansiedade e suas consequências e, daquele momento até o presente, em todas os momentos busquei articular os estudos linguísticos com a temática da psicologia. Atualmente, com a difusão cada vez mais intensa dos estudos linguísticos, temos também a oportunidade de adentrar nos mais diversos discursos, tocando os mais variados temas transversais.

Essa pesquisa surge como um desdobramento de um estudo realizado no ano de 2021 no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sob orientação da Prof. Dra, Rosângela Alves dos Santos Bernardino, que tinha como título “Pontos de vista, responsabilidade enunciativa e atos ilocucionários em discursos produzidos no âmbito do Coaching e da Psicologia sobre o amor e as relações amorosas”, no qual tivemos a oportunidade de analisar discursos acerca das temáticas das relações amorosas, numa perspectiva linguística sobre o assunto. O plano de trabalho ao qual tive contato tinha como título: “‘Saiba como sair de uma relação doentia’: uma análise dos pontos de vista e atos ilocucionários em discursos de psicólogo e psicoterapeuta”, e assim, tive a oportunidade do primeiro contato, não só com o tema, mas com a pesquisa científica de uma forma mais aprofundada, e, dessa forma, também conheci os postulados da ATD e a obra rabateliana sobre o ponto de vista. A partir do referido estudo, viu-se a necessidade de uma análise mais aprofundada com relação às posturas enunciativas apresentadas no discurso de aconselhamento psicológico, já que esse foi um dos aspectos identificados durante as análises dos pontos de vista identificados.

A partir das leituras realizadas durante o PIBIC 2021, conhecemos diversas pesquisas que foram realizadas tendo como pressuposto teórico a ATD, além disso, a partir de buscas realizadas nos repositórios de diversas universidades obtivemos entre



outros resultados a tese intitulada como “Minha voz, tua voz, nossas vozes: uma análise da responsabilidade enunciativa em artigos acadêmicos/científicos” (FARIA, 2015), que trata não apenas da responsabilidade enunciativa, como cita diretamente as posturas enunciativas, que é também um dos temas centrais da presente monografia. Segundo a autora, a pesquisa buscou investigar se os alunos de graduação investigados se responsabilizavam ou não pelo conteúdo que era vinculado em seus textos.

Assim como a pesquisa de Rosa (2017) “Análise textual dos discursos: responsabilidade enunciativa em resposta a questões de livros didáticos”, que tem como objetivo analisar e interpretar atividades de interpretação textual de livros didáticos do ensino fundamental, e identificar a assunção da responsabilidade enunciativa, segundo as categorias de Adam. O trabalho em si colaborou para a compreensão dos postulados teóricos da ATD, em especial a responsabilidade enunciativa e polifonia.

Diante dessa constatação e de todo o percurso executado nos planos de trabalho dos projetos de pesquisa desenvolvidos, é possível afirmar que a ATD oferece o aporte necessário para o cunho investigativo ao qual objetivamos, já que a teoria desenvolvida por Adam (2011) tem enfoque nas práticas discursivas humanas. Assim sendo, para o desenvolvimento da referida pesquisa, tomamos como base principal o próprio Adam (2011; 2010), em diálogo com os estudos de Rabatel (2009; 2010; 2015; 2016), Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010), entre outros que muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

A presente monografia está, então, organizada em quatro capítulos, sendo o primeiro apenas as considerações iniciais para delimitar os objetivos e a justificativa da pesquisa; o campo teórico assumido, que é o espaço destinado à apresentação das principais teorias que servem como base para o desenvolvimento da análise; os procedimentos metodológicos e, em seguida, temos a análise, que é o desfecho e onde serão apresentados os dados obtidos a partir do *corpus* selecionado; e, por fim, as considerações finais.

## 2 CAMPO TEÓRICO ASSUMIDO

Neste capítulo, apresentaremos as bases teóricas que ancoram para o desenvolvimento da pesquisa, além de apresentar as categorias que serviram como fundamento para a execução das análises. Discutiremos sobre a ATD a partir de uma visão geral do tema e passaremos a tratar de tópicos sobre ponto de vista, responsabilidade enunciativa, com suas categorias e marcas linguísticas, além das posturas enunciativas.

### 2.1 Análise Textual dos Discursos

Nesta parte, apresentaremos de forma breve como a Análise textual dos Discursos (ATD) emerge diante de um contexto histórico no qual a Linguística Textual (LT) dava seus passos, mas para alguns teóricos ainda insuficientes em alguns aspectos. Assim, a ATD surge a partir de uma necessidade da necessidade de uma articulação entre texto e discurso. Para a partir da materialidade textual interpretarmos as práticas discursivas, portanto superava-se os limites da frase, assim como do texto a partir de uma visão reducionista, algo que estava posto desde a sua concepção, ou desde aquilo que conhecemos por primeira fase da Linguística Textual (LT).

Bentes (2004) apresenta que, em um primeiro esforço, e na busca de superar a linguística estruturalista saussuriana, elabora-se a análise transfrástica, ampliando o campo de estudo e análise, já que certos fenômenos não podiam ser explicados a partir das concepções existentes de análise puramente sintática. Dessa forma, saímos da análise de frases isoladas para considerarmos o texto, e coube à LT em um dado momento esclarecer como se realizava a conexão entre os elementos de diversas frases para que se houvesse uma continuação das ideias. Por isso que basicamente a LT em um primeiro momento terá como maior preocupação as questões de coesão textual.

O segundo momento é impulsionado pelo sucesso da gramática gerativa e são elaboradas as gramáticas textuais, que na verdade não passaram de tentativas, já que se acreditava que o texto funcionava de forma estável e dentro de regras específicas. Por isso, a tentativa de elaboração das gramáticas textuais se mostrou pouco produtivo, já que os linguistas da época não conseguiram estabelecer regras capazes de descrever todos os textos que eram possíveis de serem elaborados em uma língua natural.

No terceiro momento, passa-se a compreender um texto a partir do seu contexto de elaboração, a partir de concepções que afirmam que o texto não é um produto acabado,

mas deve ser estudado como um processo, resultado de interações sociocomunicativas e processos linguísticos, logo temos uma concepção voltada para o contexto pragmático, no qual o sujeito, que se dirige o discurso, pode fazer as devidas interpretações de acordo com o seu contexto e, para tanto, mobiliza uma série de fatores – linguísticos, culturais, sociais, cognitivos etc. (BENTES, 2001).

Essa ampliação na concepção de texto trazida pela LT possibilitou o surgimento de outras propostas de análise, e é nesse contexto interdisciplinar que surge a ATD com a proposta de gerar “um avanço em direção ao tratamento do texto em seu funcionamento discursivo” (BERNARDINO, 2015). Adam (2011) propõe não apenas a criação de um braço da LT, como também apresenta a formulação e um novo paradigma teórico.

A ATD está inscrita no interior da própria LT. Relação possível graças aos avanços que ocorreram nos últimos anos e possibilitaram a abertura da LT a esse campo interdisciplinar. A ATD surge, então, com o objetivo de superar e responder as questões levantadas nas análises de texto e discurso que não eram alcançadas pelas teorias em vigor.

[...] a filiação teórica da ATD advém, em grande parte, da própria LT, mantendo a fundamentação de base semântico-pragmática, sociocognitiva, sociointeracionista. Além disso, assume fortemente o diálogo com a Linguística Enunciativa, [...] retomando postulados diversos desse campo teórico: o modelo proposto por E. Benveniste (o seu *Aparelho Formal da Enunciação*), os postulados bakhtinianos e de seu Círculo, [...] as observações teóricas de J. Authier-Revuz (o princípio da heterogeneidade enunciativa, a interdiscursividade, a metadiscursividade, a visão de sujeito clivado), entre muitos outros (BERNARDINO, 2015 p. 31).

Para isso, Adam (2011) elabora sua teoria a partir da aproximação de duas áreas, a LT e a Análise do discurso (AD), antes vistas como áreas em parte conflitantes e distintas, mas a colaboração desse autor consiste principalmente em organizar e sistematizar a articulação entre texto e discurso, que, como afirma Bernardino (2015, p. 31): “não há uma forma de diálogo mais concreta entre duas teorias ou abordagens teóricas que não se dê por meio da interação de seus objetos de estudo”. Esse esforço “situa decididamente a ATD no quadro mais amplo da análise do discurso” (ADAM, 2011, p. 24), já que o próprio Adam (2011) reconhecia a complexidade do texto e, diante disso, a necessidade de articulação entre teorias, como afirma o teórico:

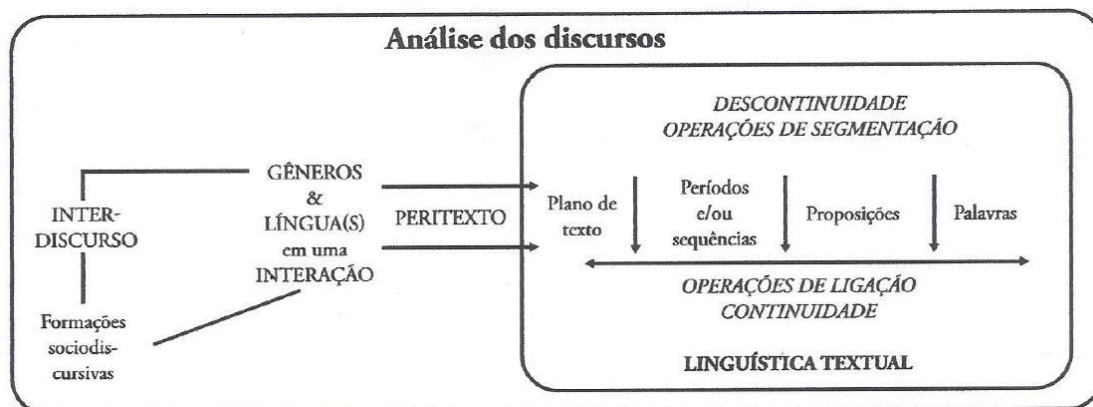
O texto é, certamente, um objeto empírico tão complexo que sua descrição poderia justificar o recurso de diferentes teorias, mas é de uma teoria desse objeto e de suas relações com o domínio mais vasto do discurso em geral que temos necessidade, para dar aos empréstimos eventuais de conceitos das diferentes ciências da linguagem, um novo quadro e uma indispensável coerência. (ADAM, 2011, p. 25).

Adam (2011) retoma os conceitos elaborados por Saussure, que enxergava a língua numa abordagem estruturalista, privilegiando a organização a partir de signos e significados. Apoiando-se nos postulados de Benveniste, que apresenta uma nova concepção de língua a partir de um domínio semiótico (sistema) e semântico (enunciação), Adam (2011) amplia esse aparelho formal redefinindo as categorias que foram trazidas de outras abordagens. Seguindo esse caminho, Adam (2011) busca superar uma LT que esteja desvinculada da gramática do texto e da AD francesa (ADF), já que, segundo Bernardino (2015 p.35), “na ADF, não são os elementos textuais que importam para interpretar os efeitos de sentido produzidos entre interlocutores. O movimento da análise em geral parte da relação entre o discurso e a exterioridade”.

Desse modo, a ATD se estabelece com o objetivo principal de repensar as relações existentes entre texto e discurso mediante novas categorias, sendo que a noção de texto supera o conceito apresentado pela ADF e, segundo Adam (2011, p. 52), “[...] é preciso desconsiderá-la hoje por duas razões. Primeiramente, porque deixa supor uma oposição e uma complementariedade dos conceitos de texto e de discurso ao passo que se tratava de dizer que esses dois conceitos se sobrepõem e se cruzam em função da perspectiva da análise escolhida”. Estes campos que antes tinham objetos de estudo que eram vistos separadamente e por meio dessa nova concepção são analisados em unidade, já se passa à compreensão de que texto e discurso são indissociáveis, abrindo uma nova gama de possibilidades teórico-metodológicas que abarcam as principais diferenças entre a LT e a AD e propõe uma complementariedade de suas tarefas. Assim, a ATD busca compreender, mediante categorias específicas, como se dá o processo das práticas discursivas e a produção de sentido frente a materialidade do texto. Busca-se, então, uma complementação daquilo que faltava na teoria do texto e compreende o texto considerando os seus aspectos sociais, históricos, as relações interdiscursivas, com o caráter dialógico e ideológico da linguagem, com os gêneros, apoiando-se em uma visão de um sujeito descentrado.

Dentre os esquemas apresentados pelo autor em sua obra fundante “A linguística Textual”(2011), temos o esquema 3, no qual delimita o objeto de estudo da LT e da AD definida por Maingueneau, e, então, da própria ATD:

**Figura 1:** Esquema 3 – Determinações textuais ‘ascendentes’ e regulares ‘descendentes’



Fonte: Adam (2011, p. 43).

O esquema acima deixa claro que texto e discurso são, a todo momento, regulados pelas situações de interação, que estarão sempre ligadas a um gênero e pelas línguas. O próprio Adam (2011) afirma que o esquema

evidencia o jogo complexo das **determinações textuais “ascendentes”** (da direita para a esquerda) que regem os encadeamentos de proposições no sistema que constitui a unidade TEXTO – **objeto da linguística textual** – e as **regulações “descendentes”** (da esquerda para a direita) que as situações de interação nos lugares sociais, nas línguas e nos gêneros impõem aos enunciados – **objeto da análise de discursos**. Sob o impacto das necessidades de expressão e interação, os enunciadores assumem formas infinitas, mas os gêneros e as línguas intervêm como fatores de regulação. (p. 44) [Grifos do texto-fonte].

O esquema deixa claro que a LT é compreendida como um subdomínio da análise das práticas discursivas. E já que Adam (2011) busca trabalhar com as práticas discursivas, estabelece em sua obra o termo co(n)texto, que é a compreensão de que os recursos linguísticos utilizados para compreendermos e nos fazermos compreender não devem ser dissociados do discurso, que é fruto das interações, das ideologias e das experiências do sujeito. Segundo o autor,

[...] co(n)texto para dizer que a interpretação de enunciados isolados se apoia tanto na (re)construção de enunciados à esquerda e/ou à direita (contexto) como na contextualização, que consiste em imaginar uma

situação de enunciação que torne possível o enunciado considerado. (ADAM, 2011 p. 53).

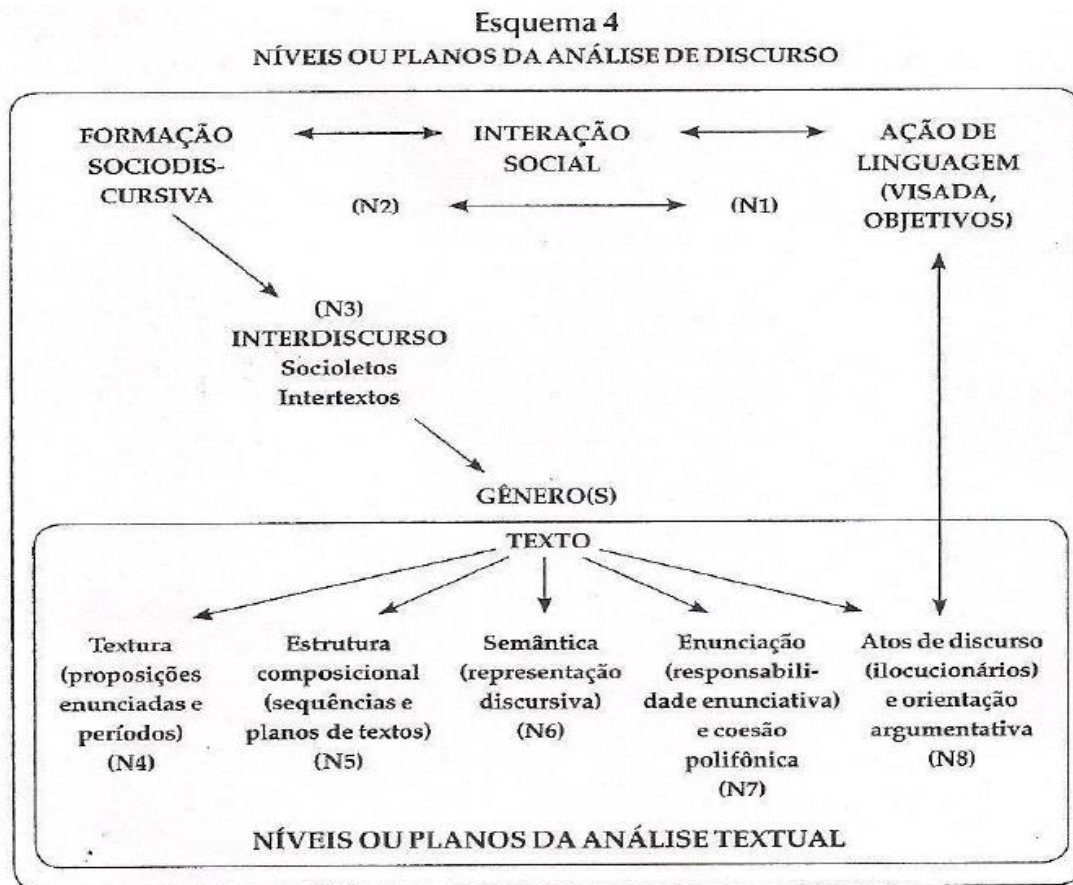
Assim, podemos compreender que o contexto é construído ou estabelecido a partir da compreensão e dos elementos envolvidos ao redor da situação em que se fundamenta o discurso, enquanto o cotexto se refere aos elementos que resguardam o texto linguisticamente falando. Cada um dos conceitos são palpáveis, seja no texto oral ou escrito, dessa forma, Adam (2011, p. 53) afirma que “se, em uma interação oral, pode haver concorrência entre cotexto e contexto da enunciação, na escrita, o cotexto é o dado mais imediatamente acessível”, ou seja, o cotexto é mais evidente ao analista, apesar de serem indissociáveis.

É importante frisar que Adam (2011) redefine alguns conceitos herdados da AD e da LT, assim como, em alguns casos, apenas o incorpora, como é o caso da *formação sociodiscursiva* que foi postulado por Foucault (1969). Nesse caso, “podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2013 p. 42), ou seja, os discursos são regulados por uma conjuntura sócio-histórica ao qual os sujeitos estão inseridos. E assim também vemos que esse conceito está diretamente ligado ao conceito de gênero, visto que é através deles que o discurso é regulado, assim como esclarece Adam (2011, p. 63): “Toda ação de linguagem inscreve-se, como se vê, em um dado setor do espaço social, que deve ser pensado como uma formação sociodiscursiva, ou seja, como um lugar social associado a uma língua (socioleto) e a gêneros de discurso.”

Para Adam (2011), o texto só pode ter um sentido atribuído a ele, visto que está inserido em um esquema discursivo que é preexistente, em outras palavras, o texto é carregado de sentido somente quando é incorporado em uma estrutura simbólica que seja mediada por uma formação sociodiscursiva. O texto, então, que opera dentro de um gênero, passa a ter sentido, e isso ressalta mais uma vez a importância da tríade texto, discurso e gênero.

O esquema 4 apresenta os níveis ou planos da análise de discurso e da análise textual, que Adam (2011) divide em 8 níveis.

**Figura 2:** Esquema 4 – Níveis ou planos da análise de discurso



Fonte: Adam (2011, p. 61).

O esquema acima tem o objetivo de apresentar que todo ato de linguagem visa uma ação (N1), que se direciona aos interlocutores em interação social (N2), numa formação sociodiscursiva específica (N3), sendo regulado por um gênero. Dessa forma, podemos ver que o quadro maior representa os níveis de análise do discurso, enquanto o quadro menor apresenta os níveis da análise textual, e como ligação entre os dois temos o gênero em seu papel regulador.

No âmbito a análise textual, no (N4) temos a unidade textual elementar chamada de proposição enunciado, que nada mais é que a unidade textual de base, produzida em um ato de enunciação. Além disso, temos o período que, segundo Passeggi *et al.* (2010, p. 272), é uma unidade de estruturação textual, esse termo carece de uma clarificação, uma vez que na gramática francesa (diferente do português) o termo período não é utilizado aos moldes que conhecemos.

Em (N5), temos sequências que são as unidades textuais complexas, que podem ser descritiva, narrativa, argumentativa, explicativa e dialogal, enquanto que o plano do texto é responsável pela estrutura composicional do texto formado pelos encadeamentos das proposições e dos períodos.

A responsabilidade enunciativa (N7) será trabalhada mais detalhadamente no próximo tópico, já que é sobre esse fenômeno que a presente pesquisa se debruça. Assim, foi possível percebermos que o texto, enquanto unidade complexa, apresenta características próprias que nos possibilita recorrer a diversas teorias. Além disso, todos os esforços de Adam (2011) com ATD é de apresentar uma teoria que “dê de conta” da interpretação dos sentidos suscitados nas variadas práticas discursivas. E decididamente uma teoria que articula texto e discurso.

## 2.2 Ponto de vista e responsabilidade enunciativa: questões conceituais

A responsabilidade enunciativa é uma das categorias definidas por Adam (2011) para o estudo do texto numa perspectiva enunciativa, ou seja, está inserida em um dos níveis de análise do texto, o nível 7, tal como esse autor demonstra no Esquema 4, referente aos planos ou níveis da análise de texto e de discurso. Em sentido amplo, a responsabilidade enunciativa diz respeito ao fato de o locutor-enunciador primeiro (L1/E1) assumir por conta própria o conteúdo de um enunciado, mas este fenômeno recobre também o fato de L1/E1 puder atribuir tal conteúdo a outros enunciadores, em função da visada argumentativa. Assim, o locutor (aquele que profere o enunciado) nem sempre se assimila aos enunciadores que suscitam em seu discurso, daí porque Adam (2011) afirma que a responsabilidade enunciativa dá conta do desdobramento polifônico dos enunciados.

Com o objetivo de apresentar o conceito de responsabilidade enunciativa, faz-se necessária uma breve recapitulação dos estudos do discurso nos quais existem uma compreensão de que não é possível uma “unicidade do sujeito” ao analisar um enunciado. Os estudos de Bakhtin e do Círculo na década de vinte do último século, apresentam o conceito de polifonia, que trata um enunciado como resultado de uma multiplicidade de vozes e de uma interação entre elas. Há casos em que é possível o predomínio de uma sobre as outras. A essa relação entre enunciados, realidade e pessoa, Bakhtin dá o nome de relação dialógica.



Os termos polifonia e dialogismo estão presentes nas obras de Bakhtin e do Círculo nas quais eles buscam analisar textos literários. Em sua obra (BAKHTIN, 2006), ao analisar os diálogos presentes nos escritos de Dostoiévski, o autor pontua que em todos os momentos nos deparamos com diálogos abertos e do universo interior das personagens, e é diante dessa variedade de vozes que atua sobre a narrativa que Bakhtin denomina polifonia. Já o dialogismo está diretamente ligado ao processo de constituição do enunciado, e é fruto da interação entre o eu e o outro. Poderíamos assim dizer que o dialogismo, por ser um conceito mais amplo, comporta a polifonia.

Dialogismo ou relações dialógicas vem a ser, segundo Bakhtin (2006), a relação entre os enunciados sempre que diante de um plano de sentido, e esse termo é derivado de diálogo, que na definição clássica, nada mais é que a comunicação verbal, no sentido mais amplo de sua compreensão, ou seja, nessa alternância de vozes, temos uma relação dialógica. O conceito fundamental da teoria elaborada por Bakhtin é o fato que a palavra proferida encontra-se “fora da alma”, ou seja, não é totalmente pertencente ao universo psicológico do sujeito. Bernardino (2015 p. 52) esclarece que “no contexto bakhtiniano e do Círculo, dizer que a palavra situa-se fora da alma do falante significa que sua morada não é a mente, ou a consciência (psicológica) de qualquer indivíduo, mas sim o grupo social”, assim, a constituição do enunciado é carregada de fatores externos.

Por fim, compreendemos que na obra de Bakhtin e do Círculo se estabelece essa perspectiva dialógica em que o enunciado deriva de uma realidade que está para além do verbal, pois absorve enunciados de um outro e os direciona a um outro alguém que é capaz de interpretá-los e tomar uma posição. Iniciamos esse subtópico com esses conceitos, já que eles são basilares para as mais diversas abordagens linguísticas, na LT, especificamente, contribuíram diretamente para a elaboração do conceito de intertextualidade, e na ADF o conceito de interdiscurso, que versa sobre o entendimento de que um discurso supõe outro já dito anteriormente.

No decorrer do percurso, podemos ver algumas reinterpretações das teorias, como é o caso de Maingueneau (2008b), que aborda essa perspectiva, mas sugere novos termos para a perspectiva do campo interdiscursivo, como o *universo discursivo*, que engloba todas as formações discursivas e “utilizam-se constantemente de tipologias funcionais (discurso jurídico, religioso e político) e formais (discurso narrativo, didático...) que se revelam tanto invitáveis quanto insignificantes” (p. 25). Temos o *campo discursivo* no qual constroem domínios onde o analista poderá debruçar-se, e é “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se

reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (p. 33). E, por fim, o *espaço discursivo* que são “subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, joga relevante pôr em relação” (p. 35).

Por fim, falaremos brevemente da heterogeneidade enunciativa, um conceito que, segundo Authier-Revuz (1998), funda-se no seguinte contexto teórico:

a enunciação é pensada como lugar de uma inevitável heterogeneidade e, portanto, de uma incompletude teórica que afeta a pesquisa linguística dos fatos enunciativos e exige que sejam explicitados os exteriores teóricos da linguística propriamente dita nos quais a descrição é obrigada a se apoiar. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 93).

A autora instaura uma discussão de um sujeito clivado, cuja fala é sempre afetada pelo outro e pertence a um outro lugar, ainda que não haja consciência desse lugar de origem. Apresentado um dos aspectos, Authier-Revuz (1998 p. 135) escreve sobre as formas de heterogeneidade mostrada, que se refere à dimensão estrutural e aparece marcada ou não no discurso, e a heterogeneidade constitutiva, ou seja, o sujeito e suas realidades históricas, o interdiscurso e o inconsciente.

Todos esses conceitos que acabamos de explicar nos orientam teoricamente a compreender mais a fundo o fenômeno da responsabilidade enunciativa, visto que Adam (2011) estabelece diálogo com as abordagens teóricas das quais tais conceitos decorrem. Entendemos, então, que a noção de responsabilidade enunciativa enquanto categoria de análise de textos concretos se relaciona com o dialogismo, a polifonia, a heterogeneidade discursiva e a interdiscursividade.

Apresentamos, ainda, as reflexões acerca da responsabilidade enunciativa elaboradas por Rabatel e ainda o conceito de ponto de vista (PDV). Rabatel (2009) assume a polifonia dos enunciados, mas desenvolve a hipótese de que um L1/E1 pode atribuir o conteúdo de seu dizer a um outro. Vamos esclarecer como isso se dá.

Segundo Rabatel (2009), o PDV nada mais é que um conteúdo proposicional que referencia um enunciador e do qual o locutor pode se assimilar ou se distanciar de acordo com a intencionalidade do fio discursivo. O autor deixa claro que a fonte de PDV não se encontra apenas no locutor, mas um enunciador segundo (e2) pode também ser a fonte do PDV em questão. Dessa forma, Bernardino (2015), a partir de uma leitura de Rabatel, afirma:

[...] locutor e enunciador são duas instâncias distintas, porém inseparáveis (formam uma simbiose), afinal de contas não paramos de falar, de nos apoiar em PDV de outros e de nos posicionar em relação a eles, assumindo por seu conteúdo proposicional, distanciando-nos, ou somente tendo em conta, ou expressando certa neutralidade. (BERNARDINO, 2015, p. 66)

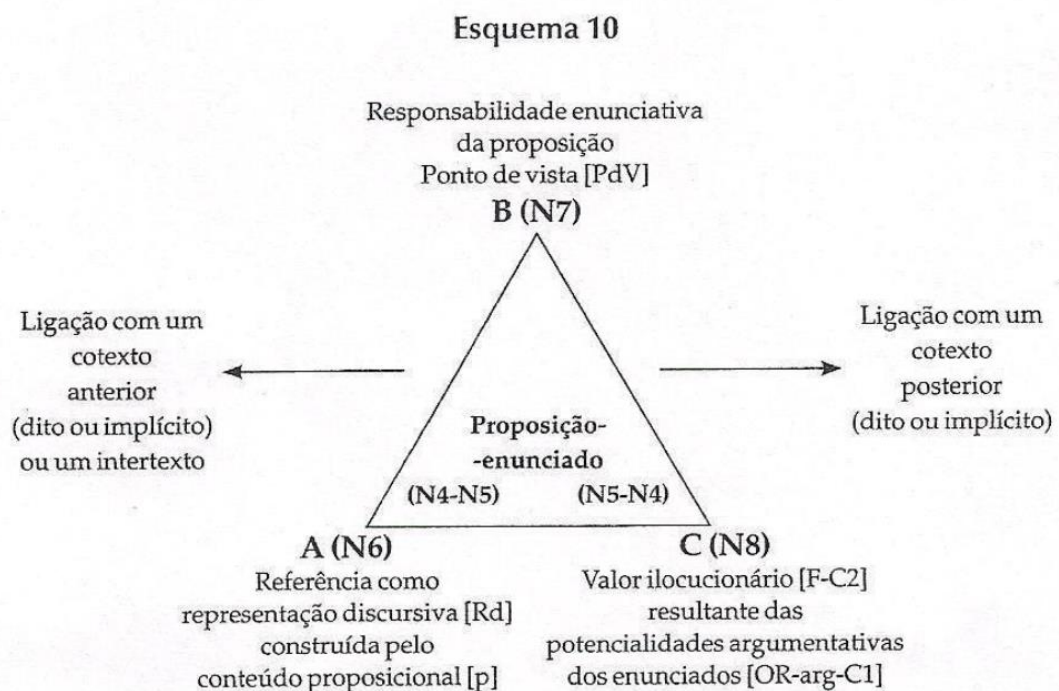
Sendo assim, não é possível conceber a ideia de que um locutor não seja enunciador. O locutor se constitui enunciador e, dessa forma, assume, se posiciona ou se distancia em relação ao conteúdo de um PDV. Rabatel (2009) determina a responsabilidade enunciativa no momento em que o L1/E1 assume os conteúdos proposicionais de um PDV. Em contrapartida, temos a possibilidade de imputação, na qual L1/E1 atribui os conteúdos proposicionais a um e2. E por fim, ainda temos a quase-responsabilização, quando L1/E1 imputa o PDV a um e2, porém com um posicionamento claro quanto ao conteúdo proposicional. O que Rabatel (2009) afirma é que L1/E1 pode até reconhecer como verdadeira a proposição elaborada por e2, e o jogo do entendimento está no ato de reconhecer, já que o autor afirma que tratamos de duas realidades diferentes: reconhecer não é o mesmo que aceitar. Ao passo que L1/E1 reconhece e postula como verdadeiro o enunciado proferido por e2, existe aí uma PEC (responsabilidade enunciativa), já que L1/E1 assume a responsabilidade de uso do enunciado, e o postula como verdadeiro. “Como uma espécie de continuum, L1/E1 pode manifestar-se de modo favorável ao que disse e2, ou apenas parcialmente, como também pode discordar, ou ainda não evidenciar seu posicionamento” (BERNARDINO, 2015 p. 68).

Na sequência, focalizaremos nas contribuições de Adam (2011) para a noção de responsabilidade enunciativa. Para a ATD, o locutor enunciador é responsável pelos enunciados proferidos, sendo que este pode escolher as fontes evocadas e nesse desenrolar assumir ou afastar-se dos diferentes pontos de vista. Essa proposição é apresentada por Adam (2011) no seu quadro de estudos, em que uma proposição enunciada “é produzida por um enunciador inseparável de um co-enunciador” (p.108). Dessa forma, a proposição enunciada será sempre um processo de inter-dependência de uma Representação Discursiva (rd) > Responsabilidade Enunciativa > Valor Illocucionário. Assim, a Responsabilidade Enunciativa (RE) é uma categoria de análise por meio da qual é possível identificar os graus de assunção que um locutor-enunciador assume nas suas produções demarcando os diferentes níveis de engajamento ou afastamento das outras vozes presentes na proposição enunciada.

Para Lourenço (2013, p. 35), “{...} a RE é posta como condição necessária da enunciação e distinta desta, visto que a enunciação supõe a RE, o que implica a existência em todo enunciado de uma proposição ou dictum ou um ‘enunciado que ainda não foi afirmado’”; e ainda acrescenta que, analisando por esse viés, a RE precede a enunciação, já que as escolhas precedem o dito e a partir dessa concepção a RE é de ordem cognitiva.

A partir dos postulados de Adam (2011), compreendemos que a RE é uma categoria de suma importância para a ATD, já que assume o caráter indissociável da proposição enunciada, que, como vimos anteriormente, “é o produto de um ato de enunciação: ela é enunciada por um enunciador inseparável de um coenunciador” (ADAM, 2011, p. 108). Em outras palavras, é a unidade mínima de análise do texto, já que Adam objetivou aqui superar o conceito de frase, que em sua concepção é insatisfatória, mas que estava presente desde as primeiras teorias da LT clássica. Assim, o autor compreende que a RE é inerente a toda proposição enunciada. Além disso, essa compreensão nos permite buscar respostas aos questionamentos quanto à intencionalidade do locutor enunciador, se ele atribui esse enunciado a um outro, se ele assume a responsabilidade do enunciado para si, e como o locutor enunciador faz as devidas adaptações e o gerenciamento das vozes no texto.

**Figura 3:** Esquema 10 – Dimensões da proposição-enunciado



Fonte: Adam (2011, p. 111)

No esquema acima, apresentado por Adam (2011), podemos observar quais as três dimensões complementares compreendidas em uma proposição enunciada. Apesar de estar esquematizado em forma de triângulo, os itens A, B e C não estão hierarquizados, mas, sim, interligadas nessa tríade. As setas indicam o fato de todo enunciado estar conectado a outro, seja ele anterior ou posterior, ainda que esteja implícito.

Segundo Nascimento, Carvalho e Bernardino (2012, p. 245), com base no pensamento de Adam (2011), as ações relatadas no texto são encadeadas pelo ponto de vista (PdV), e demarcados por introdutores, como: segundo, de acordo com, para; que marcam o início de uma zona textual atribuída a um locutor enunciador segundo. Nesse jogo de recursos linguísticos, o locutor enunciador pode ou não assumir a responsabilidade de um enunciado.

“a responsabilidade enunciativa pode ser materializada por diferentes categorias que englobam marcas linguísticas que a delimitam nos textos. São elas: índices de pessoas, dêiticos espaciais e temporais, tempos verbais, modalidades, diferentes tipos de representação da fala, indicações de quadros mediadores, fenômenos de modalização autonímica, indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados” (ADAM, 2011 p. 32).

Para Adam (2011), a RE ou o PdV podem ser contemplados textualmente por algumas marcas que deixarão claro o grau da responsabilidade enunciativa em uma proposição. Dessa forma, o autor enumera 08 (oito) grandes categorias que apresentamos no quadro seguinte:

**Quadro 1:** Grau de responsabilidade enunciativa: categorias e marcas linguísticas

<b>Ordem</b>	<b>Categorias</b>	<b>Marcas Linguísticas</b>
<b>01</b>	<b>Índices de pessoas</b>	<i>meu, teu/vosso, seu</i>
<b>02</b>	<b>Dêiticos espaciais e Temporais</b>	Advérbios ( <i>ontem, amanhã, aqui, hoje</i> ) Grupos nominais ( <i>esta manhã, esta porta</i> ) Grupos preposicionais ( <i>em dez minutos</i> ) Alguns determinantes ( <i>minha chegada</i> )
<b>03</b>	<b>Tempos verbais</b>	Oposição entre presente e futuro do pretérito Oposição entre presente e o par pretérito imperfeito e pretérito perfeito
<b>04</b>	<b>Modalidades</b>	Modalidades sintático-semânticas maiores: Téticas (asserção e negação) Hipotéticas (real) Ficcional e Hipertéticas (exclamação) Modalidades objetivas Modalidades intersubjetivas

		Modalidades subjetivas Verbos e advérbios de opinião Lexemas afetivos, avaliativos e axiológicos
05	<b>Diferentes tipos de representação da fala</b>	Discurso direto (DD) Discurso direto livre (DDL) Discurso indireto (DI) Discurso narrativizado (DN) Discurso indireto livre (DIL)
06	<b>Indicação de quadros Mediadores</b>	Marcadores como <i>segundo, de acordo com e para</i> Modalização por um tempo verbal como o futuro do pretérito Escolha de um verbo de atribuição de fala como <i>afirmam, parece</i> Reformulações do tipo <i>é, de fato, na verdade, e mesmo em todo caso</i> Oposição do tipo <i>alguns pensam (ou dizem) que X, nós pensamos (dizemos) que Y etc.</i>
07	<b>Fenômenos de modalização autonímica</b>	Não coincidência do discurso consigo mesmo ( <i>como se diz, para empregar um termo filosófico</i> ) Não coincidência entre as palavras e as coisas ( <i>por assim dizer, melhor dizendo, não encontro a palavra</i> ) Não coincidência das palavras com elas mesmas ( <i>no sentido etimológico, nos dois sentidos do termo</i> ) Não coincidência interlocutiva ( <i>como é a expressão? Como você costuma dizer?</i> )
08	<b>Indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados</b>	Focalização perceptiva (ver, ouvir, sentir, tocar, experimentar) Focalização cognitiva (saber ou pensamento representado)

Fonte: Passeggi *et al.* (2010, p. 300-301).

Adam (2011) concebe então a noção de responsabilidade enunciativa em grau de equivalência com o ponto de vista<sup>1</sup>. Dessa forma, a RE de uma proposição “ou ponto de vista (PdV) permite dar conta do desdobramento polifônico” (ADAM, 2011, p. 110) dos enunciados.

O quadro acima evidencia os direcionamentos da análise que também nortearam essa pesquisa. As categorias listadas não estão hierarquizadas, ainda que Adam (2011) afirme que os *índices de pessoas* são o grau máximo de assunção do falante de determinado ponto de vista. Essa relação *eu* e o *outro*, marcada por pronomes, atesta a presença do falante. Esse locutor coloca a língua em uso e deixa suas marcas subjetivas nesse processo, por conseguinte estabelece uma relação com o mundo ao seu redor.

<sup>1</sup> Passa-se, então, a abreviar como PdV.

Quanto aos *dêiticos espaciais e temporais*, “entendemos que esses elementos apresentam a propriedade de identificar, remeter, apontar ou construir referentes necessariamente vinculados ao momento da enunciação, portanto são extremamente dependentes do contexto enunciativo” (BERNARDINO, 2015 p. 76). São marcados pelos advérbios, grupos nominais, grupos preposicionais e alguns determinantes para indicar o tempo e ao lugar de onde o locutor-enunciador fala.

Os *tempos verbais* estão diretamente relacionados aos verbos utilizados pelo locutor e que situam se a proposição enunciada se refere a algum momento no presente, passado ou futuro e que vai delimitar a posição desse locutor enunciador em relação a um determinado ponto de vista.

As *modalidades* são um fenômeno complexo e já amplamente discutidos quando Adam (2011) estabeleceu o conceito como uma das categorias da responsabilidade enunciativa. Podemos compreender, então, que é na relação do sujeito com o predicativo que é revelado o grau de (não) assunção da responsabilidade enunciativa. Através das atitudes desse locutor-enunciador que identificamos o engajamento ou a imputação de um PdV.

Adam (2011) apresenta os *diferentes tipos de representação de fala* como a categoria que se manifesta por meio das seguintes marcas: discurso direto (DD), discurso direto livre (DDL), discurso indireto (DI), discurso narrativizado (DN) e discurso indireto livre (DIL), baseado nas observações teóricas de Authier-Revuz (1996). Como afirma Bernardino (2015 p. 82):

Tais observações mostram-se ancoradas no princípio da heterogeneidade constitutiva, que por sua vez se apoia no dialogismo bakhtiniano e na concepção lacaniana, relida de Freud, acerca do descentramento do sujeito – uma visão que assume como constitutiva e permanente a presença do outro (outros discursos) e do Outro (discursos do inconsciente) no discurso – e na noção de interdiscurso mencionada em estudos pècheuxianos.

Trata-se, então, de um tema complexo que reafirma que heterogeneidade, dialogismo e polifonia (apesar de serem termos de diferentes teorias) são inerentes ao enunciado, sejam eles marcados, ou não, por outras vozes no discurso, tendo o enunciador consciência ou não.

Quanto às *indicações de quadros mediadores*, segundo Adam (2011), indica sempre a imputação de um ponto de vista a um enunciador segundo, através de marcas como: *segundo, de acordo com e para*, além de verbos *dicendi*. Essa categoria, apesar de

possuir definição clara, possui o risco de ser confundida com o discurso indireto, já que em ambos os casos temos uma referência à voz do enunciador segundo. Coube a Guentchéva (1994 p. 08) sinalizar as principais diferenças entre as duas categorias, mas afirma que, basicamente as indicações de quadros mediadores correspondem a um conjunto de procedimentos gramaticais existentes em muitas línguas e “permitem ao enunciador significar os diferentes graus de distância que ele toma com respeito às situações descritas, já que ele as distinguiu de maneira mediada”.

A denominação de *fenômenos de modalização autonômica* é aquela que permite, reflexivamente, enunciar e se referir ao próprio dizer, ou seja, “além do dizer proferido, integra a esse dizer um elemento que o comenta, refletindo sobre ele mesmo”. (BERNARDINO, 2015 p. 93). No corpo do texto, podemos identificá-los pelo uso das aspas ou itálico.

A última categoria se refere às *indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados* que, para Adam (2011), são “efeitos de ponto de vista que repousam numa focalização perceptiva [...] ou numa focalização cognitiva.” (ADAM, 2011, p. 120). Através do *ver, ouvir, sentir, tocar*, ocorre a experimentação e a focalização dos sentidos.

A seguir, abordaremos algumas perspectivas sobre as posturas enunciativas que compõem uma das categorias pré-estabelecidas nos procedimentos metodológicos da nossa pesquisa.

### 2.3 Posturas Enunciativas

Outro ponto importante e norteador para esta pesquisa são as posturas enunciativas que foram apreendidas diretamente das considerações feitas por Rabatel (2016a, 2021), na qual o autor afirma basicamente que entre as posturas existentes, sempre haverá sobreposição de uma voz em relação ao PDV, logo poderíamos assim caracterizar a hierarquização entre os locutores, já que o locutor principal determina a postura de outros enunciadores.

A obra rabateliana é enfática em afirmar que o PDV não está presente apenas quando as outras vozes no discurso estão demarcadas, em outras palavras, a polifonia está presente antes mesmo que exista um enunciado proferido, já que é fruto de uma percepção de um indivíduo que, marcado por sua subjetividade, expressa essa percepção. Assim, compreendemos que “o Locutor, instância de produção física do enunciado, é dissociado



da instância modal – ou enunciador – [...] as duas instâncias se sobrepõem com frequência, mas devem, todavia, ser distinguidas teoricamente” (RABATEL, 2016b, p. 193). A partir desse ponto, entendemos que esse PDV, que é fruto de uma percepção, pode ser co-construído, dominado ou dominante, e temos assim as três posturas definidas por Rabatel.

A coenunciação faz referência aos PDVs que são co-construídos, ou seja, ao momento em que duas vozes se sobrepõem e configuram o PDV como partilhado e comum aos enunciadores. A sobrenunciação se estabelece em um critério de desigualdade na qual uma voz se sobrepõe como dominante ao PDV de um enunciador para o outro. Já no caso de subenunciação, temos um jogo inversamente proporcional, no qual um PDV é dominado em relação ao enunciador.

Rabatel (2016b) faz algumas considerações que são pertinentes desde o começo. Por coenunciação não podemos compreender apenas por uma enunciação feita em conjunto, apesar de não estarmos descartando essa possibilidade, mas a proposta de Rabatel é evidenciar que a relação que se estabelece é dialógica e intertextual, aspectos que são inerentes ao ponto de vista e, dessa forma, a coenunciação é evidenciada por uma construção simétrica do ponto de vista, enquanto as posturas de sobrenunciação e subenunciação indicam uma construção em desigualdade. Logo, podemos pontuar a diferença da co-, super- e sub-locução, já que não estamos falando de uma relação diretamente proporcional à quantidade, pois um locutor pode falar muito sem que o seu PDV seja dominante, assim como o oposto também é possível.

Cabe ainda ressaltar que no processo de análise urge a necessidade de pensarmos em marcas que nos apresente com qual postura estamos lidando dentro do texto. Ainda que elas não existam, Faria (2015) deixa claro que:

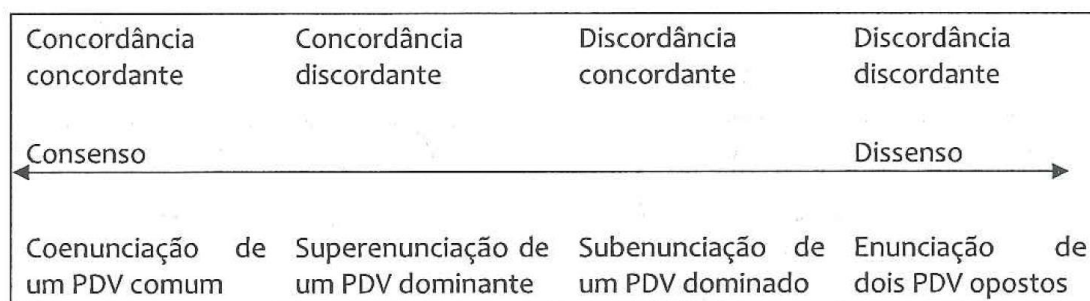
as marcas são inúmeras, abrangendo inclusive, o caso da gestualidade na conversação oral, e podem ser polissêmicas, de modo que um ‘eu’ não remeta apenas ao locutor, e que o locutor não se manifeste apenas por um eu. [...] Além disso, a dificuldade aumenta no decorrer da análise do texto, pois as posturas podem se suceder uma à outra, assim, uma subenunciação, por exemplo, pode ser apenas provisória e estar a serviço, finalmente, da sobrenunciação. (p. 68-69).

Dessa forma, o analista precisa estar atento às marcas mais sutis, estejam elas explicitamente no texto ou não.

Quanto ao discurso, Rabatel (2016b, p. 202) afirma que as interações entre os indivíduos são instáveis, ou seja, elas não se configuram de maneira clara entre o dissenso

e o consenso. Existem sim interações em que essas marcas são claras e evidentes ao analista, mas na imensa maioria dos casos o que temos é a instabilidade na qual consenso e dissenso estabelecem uma linha tênue entre si. Podemos, à luz da teoria rabateliana, afirmar que as relações estabelecidas entre consenso e dissenso ocorrem como que em gradiente, ou seja, nos distanciamos de um para nos aproximarmos de outro. E dentro dessa compreensão, Rabatel, com base na obra de Ricoeur (1983), chamará de discordância concordante e concordância discordante, como podemos acompanhar no quadro a seguir:

**Figura 4:** Hierarquização das posturas enunciativas  
Fonte: Rabatel (2016b, p. 203).



Dessa forma, podemos observar que, nas interações, o consenso seria a concordância concordante, enquanto o dissenso é a discordância discordante, e entre eles há os lugares intermediários. Compreendemos, então, a concordância concordante como a única e verdadeira forma de coenunciação; a concordância discordante como superenunciação e a discordância concordante como subenunciação. Assim, temos que:

Em resumo só a coenunciação decorre de uma colocação que vai até a apreensão enunciativa de um PDV comum ao passo que a subenunciação, como a superenunciação consistem em uma co-construção de um só PDV, sem que os dois locutores/enunciadores se engajem tanto um quanto outro, seja porque o super-enunciador imponha seu PDV ao outro, fazendo com que se seu PDV se fosse só uma paráfrase do PDV do interlocutor, seja porque o sub-enunciador retoma o PDV do outro distanciando-se, mas, sem substituí-lo por um PDV antagonista, ou, ao menos, sensivelmente diferente. (RABATEL, 2016b, p. 204).

Por fim, Rabatel deixa claro em sua obra que as posturas não indicam uma postura de dominação ou inferioridade em relação a posições intelectuais ou ideológicas, já que um super-enunciador pode proferir conteúdos totalmente irrelevantes (do ponto de

vista intelectual), assim como um sub-enunciador pode proferir conteúdos de grande valia, ainda que amparado por um PDV dominante. Dessa maneira, as posturas têm um caráter hierárquico e de implicação dos locutores na construção do discurso proferido. Cabe ao analista a sensibilidade de identificar qual a proposta ou o objetivo do locutor na retomada de um PDV, seja para co-construí-lo ou para reelaborar o pensamento.

Neste capítulo, fizemos uma breve apresentação do arcabouço teórico, desde a LT, passando pela ATD e os conceitos mais centrais que serviram como base para as análises que serão apresentadas à frente.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentaremos os métodos que foram utilizados para a execução dessa pesquisa monográfica, além de caracterizar brevemente o *corpus* utilizado e as categorias, além da descrição dos procedimentos de análise. Para isso, teremos como base os pressupostos de alguns autores, como Moraes (2003), para o amparo metodológico, e ainda, Rabatel (2013, 2015, 2016b e 2018) e Adam (2011), referentes à teoria e que nos indicam categorias próprias de análise.

O capítulo está dividido em cinco tópicos que são: caracterização da pesquisa, constituição do *corpus*, as condições de produção do discurso terapêutico, caracterização do *corpus* e, por fim, as categorias e procedimentos de análise dos dados.

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

A presente monografia apresenta a análise e os resultados frutos de uma pesquisa qualitativa pela qual objetivou-se estudar as posturas enunciativas em discursos produzidos no âmbito da Psicologia sobre o amor e as relações amorosas.

E para a realização desse estudo, nos apoiamos no processo misto de análise, que consiste em combinar os métodos dedutivo e indutivo e, a respeito disso, Moraes (2003, p.197-198) afirma:

Os dois métodos, dedutivo e indutivo, podem, também, serem combinados num processo de análise misto em que, partindo de categorias definidas a priori com base em teorias escolhidas previamente, o pesquisador encaminha transformações gradativas no conjunto inicial de categorias, a partir do exame das informações do corpus de análise.

Trata-se de uma pesquisa documental, já que através desses instrumentos poderemos fazer a análise de forma indireta sobre determinados aspectos da realidade ao passo que não teremos contato direto com os indivíduos responsáveis pela produção do material de análise essa definição leva em conta a natureza das fontes de dados, os procedimentos ou técnica utilizados para a constituição do *corpus*, mas também considera a pesquisa documental como método analítico. E, como é próprio da pesquisa documental, tudo começa através da seleção do material de análise para que possa ser realizada a devida categorização.

Considerando, a nossa análise pode se pautar em dois tipos de direcionamentos, quais sejam:

i) procedimentos do método dedutivo que consiste na aplicação de categorias prévias da Análise Textual dos Discursos (ADAM, 2011), especificamente a responsabilidade enunciativa; a problemática geral do ponto de vista (RABATEL, 2016) e as posturas enunciativas de Rabatel (2016);

ii) procedimentos do método indutivo que consiste na observação e organização de informações do corpus, de modo a produzir inferências a partir delas, e assim permite a abertura para o estabelecimento de categorias emergentes.

### 3.2 Constituição do *corpus*

A análise foi realizada a partir do *corpus* coletado na plataforma de vídeos YouTube, no canal *Tranquilo amor* da psicóloga e psicoterapeuta Luiza Colmán. Os discursos aqui utilizados foram proferidos e registrados em vídeo, como explicitado anteriormente, e para que o processo de análise pudesse ser executado foi necessário realizar a transcrição que se localiza nos apêndices do trabalho, e para melhor visualização e compreensão foram utilizados recursos tipográficos que nos auxiliaram a demarcar todos os aspectos importantes da fala da enunciadora. Esses recursos foram utilizados tendo como base a adaptação feita por Dionísio (2006)<sup>2</sup>, que apresenta um quadro de normas para transcrição. Quanto aos parágrafos, eles foram alocados apenas para referência e organização, mas não possuem valor para a transcrição do conteúdo, já que nas falas não são determinados o fim e o início de um novo parágrafo, mas pela dedução e compreensão da organização do texto podemos fazer os devidos ajustes no texto.

Como já mencionado, o *corpus* foi analisado à luz da ATD, em especial pelos critérios estabelecidos de responsabilidade enunciativa e das posturas enunciativas, que podem (ou não) ser utilizadas no de acordo com os objetivos do locutor/enunciador.

Para a análise coletamos 3 vídeos que foram selecionados a partir da temática “amor e relações amorosas”. Dentro dessa temática o canal foi escolhido, sobretudo, em razão da alta popularidade do conteúdo postado nos vídeos. Pode-se facilmente verificar

---

<sup>2</sup> Para realização da transcrição nos baseamos no modelo proposto por Dionísio (2006), conforme as necessidades advindas do *corpus* e nossos objetivos de análise.

que cada vídeo obtém milhares de visualizações, reações, comentários e compartilhamentos, atestando o seu forte impacto sobre o público inscrito. Além disso, vimos que o fato da temática abordada nesse canal ser também difundida amplamente de outras formas, tais como palestras, treinamento, cursos e livros, alargando ainda mais o seu fator de impacto, já que, Luiza Colman disponibiliza gratuitamente o e-book intitulado "A surpreendente verdade que nunca te contaram sobre o AMOR", além de ministrar o curso "Amor à segunda vista" e o "Programa Tranquilo Amor", ambos disponíveis para compra na plataforma *Hotmart Club*. Por isso a escolha final foi pelo canal "Tranquilo amor". Para seleção dos vídeos consideramos ainda a quantidade de visualizações e comentários presentes em cada vídeo, já que assim, sabemos que de alguma forma o conteúdo apresentado obteve um maior engajamento por parte do público.

### 3.3 As condições de produção do discurso terapêutico

Começaremos essa sessão citando Pêcheux (2019, p 59), que afirma que o sentido de uma palavra muda de acordo com a formação discursiva a que pertence, ou seja, para ele, "[...] é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção [...]" (Gadet; Hak, 1993, p.79). Em sua compreensão, o sujeito passa a ocupar um espaço ideológico, no qual já não é mais possível afirmar que esse sujeito seja capaz de produzir um discurso, mas apenas o responsável por proferir o discurso.

No contexto de "discurso terapêutico" não é diferente, já que os especialistas de uma área se apropriam de discursos presentes na fundação de determinada teoria, e com as devidas modificações chegamos aos conceitos atuais.

Atualmente, não é difícil encontrarmos empréstimos de termos por parte de "leigos", assim como empréstimos de termos coloquiais por especialistas. Em ambos os casos observamos a necessidade de adaptar o discurso ao público-alvo, visto que para alguém que quer dissertar sobre algo, o uso de termos técnicos agrega determinado valor ao que está sendo dito, já que denota algum tipo de domínio do assunto por parte do locutor. Por outro lado, um especialista em determinados assuntos por vezes opta por utilizar termos mais coloquiais ou mais usuais no cotidiano com o objetivo de aproximar

o seu discurso do seu interlocutor facilitando dessa forma a compreensão e possibilitando o engajamento ao conteúdo já que se torna mais acessível a grande massa.

Esses aspectos ficam ainda mais evidentes quando adentramos o universo da internet, no qual, cada vez mais existe um esforço por parte dos criadores de conteúdos de aproximar e engajar um público para os discursos de cada um. Podemos assim afirmar que o modo de produção do discurso terapêutico na internet é uma evolução do discurso que antes estava limitado ao interior dos consultórios (que já não são sequer chamados dessa forma), assim, quando um especialista utilizava termos mais acessíveis para seus clientes com o objetivo de efetivar o processo terapêutico, hoje temos um profissional consciente das maiores demandas atendidas e que leva as possíveis queixas e os possíveis aconselhamentos para uma espécie de sessão terapêutica *online*, mas que dessa vez o foco não é apenas um paciente, mas uma massa que acompanha os conteúdos com regularidade.

### 3.4 Caracterização do *corpus*: o gênero aconselhamento psicológico

Trindade e Teixeira (2000) afirmam que o aconselhamento psicológico é a prática em que o profissional habilitado busca ajudar e orientar o sujeito a partir de pressupostos científicos, para que seja possível uma adaptação satisfatória a algumas situações por meio da eficaz utilização dos seus recursos pessoais, promovendo assim bem-estar psicológico e a autonomia. Em outras palavras, o aconselhamento psicológico é estabelecido na conversa entre psicoterapeuta e cliente, no qual são utilizados recursos advindos do conhecimento científico por parte do terapeuta para o devido direcionamento do cliente frente a suas necessidades.

Vale ressaltar que o aconselhamento psicológico é uma das muitas abordagens existentes na psicologia, e de fato poderíamos colocar como algo próximo à psicoterapia breve, porém com um objetivo mais específico e direcional.

Comin (2014) apresenta uma breve contextualização do aconselhamento psicológico que surge em 1988 com o objetivo principal de ajudar jovens estudantes a escolherem melhor uma profissão e se inserirem no mercado de trabalho daquele período, mas somente em 1942, com a publicação de *Counseling and Psychotherapy* de Carl Rogers que de fato permitiu uma maior aproximação do aconselhamento com a psicoterapia tradicional. Para Rogers falar sobre a diferença entre elas era quase um

desperdício de tempo, já que ambas as abordagens estariam voltadas para a ajuda dos indivíduos em sofrimento.

Dessa forma, o aconselhamento psicológico se distingue da psicoterapia em algumas características básicas, visto que o aconselhamento está mais voltado para a gestão dos conflitos diários de uma forma mais diretiva, além disso, o sujeito recebe por parte do profissional (psicólogo) *feedbacks* positivos e apontamentos mais explícitos durante o processo terapêutico, despertando assim a autonomia do sujeito. Na psicoterapia, é que são aplicadas técnicas mais específicas de cada abordagem, considerando que o tempo é um ponto a favor. A maior duração do processo psicoterápico permite a execução de determinados procedimentos.

Entretanto, em ciências humanas é quase que impossível estabelecer critérios rígidos de definição. Temos a seguinte compreensão:

Há diversas formas de definir o aconselhamento psicológico, desde a adoção de referenciais generalistas que focam na explicitação do processo de aconselhamento sem menção direta a abordagens psicológicas, até mesmo de posicionamentos que partem exclusivamente de uma dada abordagem teórica para explicitar o que se concebe como aconselhamento psicológico” (COMIN, 2014, p. 04)

A ideia que Comin (2014) apresenta é a de que, apesar de não existirem procedimentos específicos que norteiam o aconselhamento psicológico, é o saber científico que o orienta, ou seja, o fato de ser conduzido por um profissional habilitado apresenta uma maior seguridade de estarmos pautados na ciência. Dessa forma, essa abordagem, que aqui vamos nos referir com sendo também um discurso específico, tem características próprias que permitem que ela esteja inserida em contextos como o estudado nessa pesquisa. O contexto dos vídeos da internet.

O aconselhamento psicológico surge como uma alternativa aos dias atuais em que o tempo livre das pessoas, assim como recursos financeiros são cada vez mais escassos, logo os sujeitos já não têm mais tempo ou disposição para ingressar em um longo processo terapêutico. Essa abordagem cabe perfeitamente no universo da internet, no qual as informações precisam ser rápidas e certas, e de uma forma simples temos a sequência lógica de que um discurso breve, proferido por um psicólogo e apresenta características diversas de uma psicoterapia, se encaixa perfeitamente no discurso de aconselhamento psicológico, já que segundo Maingueneau, “todo gênero de discurso implica um certo lugar e um certo momento”. (2008, p. 66). Encontramos assim a



estabilidade necessária para que, assim como define Adam (2011, p. 45), se estabeleça o gênero do discurso, aqui representado pelo aconselhamento.

### 3.5 Categorias e procedimentos de análise dos dados

Todos os procedimentos da análise foram realizados seguindo a sequência que partiu da escolha do *corpus* até a interpretação dos dados obtidos. Assim, para a análise do *corpus*, as etapas e procedimentos analítico-interpretativos dos dados foram os seguintes:

- ✓ Etapa 01: constituiu da escolha e transcrição dos vídeos;
- ✓ Etapa 02: consistiu na leitura e releitura das transcrições dos vídeos dos canais do YouTube seguido pela identificação e descrição dos pontos de vista considerando as formações sociodiscursivas que os regulam, além de identificar e descrever as posturas enunciativas que se manifestam nos discursos na perspectiva do psicólogo;
- ✓ Etapa 03: constituiu na separação e categorização dos dados obtidos;
- ✓ Etapa 04: consistiu em uma discussão de cunho interpretativo, pautada nos dados obtidos.

Os excertos serão apresentados através de quadros ao final da análise para facilitar a visualização de todas as informações, sendo que, no texto, essas partes serão retomadas quando necessário para uma apreciação mais aprofundada. Além disso, os Pdvs de L1/E1 e outras partes relevantes para a análise serão destacados em negrito.

As categorias foram definidas a partir do próprio *corpus*, ou do tema tratado em cada um dos PdVs observados, e são assim: as posturas enunciativas dos PdVs sobre a perspectiva do amor saudável e as posturas enunciativas nos Pdvs sobre relacionamentos amorosos.

#### 4 ANÁLISE DAS POSTURAS ENUNCIATIVAS NO DISCURSO SOBRE O AMOR E RELAÇÕES AMOROSAS

Partindo do pressuposto que temos como objetivo geral analisar como se manifesta textual e discursivamente os pontos de vista, as posturas enunciativas produzidos no âmbito da Psicologia em um canal no YouTube sobre a temática do amor e das relações amorosas, surgem os seguintes questionamentos: Quais marcas linguísticas evidenciam as posturas aos pontos de vista proferidos? Qual o posicionamento do L1/E1 em relação às outras vozes convocadas em seu discurso?

O presente capítulo apresenta os nossos esforços no processo de análise para darmos conta do objetivo geral da pesquisa que é analisar como se manifesta textual e discursivamente os pontos de vista e as posturas enunciativas produzidos no âmbito da Psicologia em um canal no *YouTube* sobre a temática do amor e das relações amorosas. Para isso, foi realizada a leitura atenta do *corpus* em busca das marcas que evidenciassem os aspectos do texto que nos fossem relevantes, o que nos permitiu destacar os pontos de vista que são imputados a outrem, assim como as posturas enunciativas adotadas pelo L1/E1, além disso temos como objetivos específicos identificar e descrever os pontos de vista considerando as formações sociodiscursivas que os regulam, além de identificar e descrever as posturas enunciativas que se manifestam em discursos sobre a temática do amor e das relações amorosas e refletir sobre os efeitos de sentido e o impacto dos discursos produzidos e socializados em redes sociais sobre a temática do amor e das relações amorosas.

Como apresentado no capítulo metodológico, nos guiamos pelo método dedutivo, uma vez que selecionamos categorias teóricas (os tipos de posturas enunciativas), observando suas formas de manifestação no texto, mas também seguimos o método indutivo de análise que nos permitiu elaborar categorias de conteúdo em consonância com a interpretação que fizemos do *corpus*.

A análise foi feita seguindo a ordem de coleta do *corpus*, na qual não se mostrou necessária a diferenciação a qual vídeo pertence, já que nos detivemos aos PdVs. Ao final da sessão, foram utilizados quadros para facilitar a visualização “co(n)textual dos sentidos”, além das marcas linguísticas apresentadas nos PdVs e das posturas subjacentes.

#### 4.1 “Ame com saúde”: as posturas enunciativas em relação aos PdVs sobre a perspectiva do amor saudável

Na presente sessão analisaremos o discurso presente em 3 vídeos do canal “Tranquilo amor”, da plataforma de vídeos *YouTube*, da psicóloga e psicoterapeuta Luiza Colmán. Como já disposto anteriormente, o canal foi criado com o objetivo de compartilhar informações com o público em geral sobre a importância de se viver um “amor saudável” e uma relação amorosa tranquila, dentro daquilo que Luiza considera como relacionamentos saudáveis. Para isso, observamos que a estratégia utilizada pela locutora-enunciadora nos vídeos é de apresentar os principais comportamentos que ela mesma observa em sua experiência clínica, com o intuito de orientar o seu público a partir da desconstrução de PdVs que ela considera errôneos, mas também corroborar atitudes que ela vê como positivas.

Tendo como ponto de partida o PdV que surge a partir do enunciado “Ame com saúde”, que é proferido por L1/E1 sempre ao término de cada um dos vídeos, vemos que existe uma prerrogativa presente de que o público ao qual o discurso está sendo dirigido não tem total entendimento do que seria a relação amor e saúde, logo L1/E1 utiliza os seus esforços e o espaço das mídias sociais com o objetivo de conscientizar os interlocutores para o que, de fato, deve ser um amor saudável.

Mesmo estando sempre no final de cada um dos vídeos que compõe o *corpus* analisado, podemos perceber que “ame com saúde” carrega não apenas a síntese de todo o conteúdo proferido, como também o PdV de que é a motivação para a criação de um conteúdo voltado para o amor e para as relações amorosas. Esse PdV não é totalmente imputado, já que em muitos momentos L1/E1 apresenta enunciados como: “Uma outra coisa que **eu** costumo observar muito né, e que **eu** até falo nas minhas palestras [...]”, mostrando que boa parte dos conteúdos apresentados não são imputados a um outro. E em outros momentos, vemos os comentários e as perguntas enviadas pelos interlocutores na sessão de comentários dos vídeos que reforçam o PdV de que as pessoas sofrem por amor e precisam de ajuda.

Esse, então, é o pontapé inicial da nossa análise: existe um público que deseja saber quais as condições relacionadas com o amor saudável, e o fechamento de cada vídeo com “ame com saúde” indica que o conteúdo do vídeo tem como ação visada propagar o que seria um amor saudável de acordo com as concepções da profissional em questão. Dessa forma, em muitos momentos, podemos observar que são feitas escolhas pela

assunção do PdV mais do que a imputação a outrem. Isso ocorre pelo fato de estarmos diante de um canal com conteúdo autoral, já que somos apresentados a PdVs próprios de L1/E1, e além disso, Luiza Colmán oferece uma grande colaboração aos interlocutores ao socializar o seu conhecimento, que é fruto de uma construção de anos de observação e trabalho na área da psicologia. Isso também corrobora o fato das posturas de superrenúnciação serem dominantes, já que os PdVs apresentados no *corpus* surgem de concepções do senso comum de seus interlocutores.

O primeiro ponto a ser colocado é que, no *corpus* analisado, L1/E1 em muitos momentos não deixa bem demarcado os momentos em que os PdVs são assumidos e os momentos em que eles são imputados. Dessa forma, podemos perceber também que em um dos vídeos transcritos intitulado “**5 sinais da dependência emocional**”, L1/E1 parece assumir todos os PdVs apresentados, mas na verdade, após a reflexão podemos perceber que os PdVs são imputados, como nos excertos a seguir:

“Como identificar e se livrar da dependência emocional?” Essa pergunta da Lih também uma pergunta que muitas outras pessoas também já me fizeram aqui no canal **eu acho que é um tema importante** pra gente conversar, **só que** pra gente falar de dependência emocional primeiramente a gente tem que entender que este é um tema extremamente complexo [...]’

Neste primeiro excerto, L1/E1 apresenta uma pergunta enviada por uma interlocutora e que demonstra que existe um interesse por parte do seu público nesse assunto, porém não é apenas interesse do público, mas também um juízo de valor presente no discurso da psicóloga ao qual ela profere “**eu acho que é um tema importante**”, logo não é apenas algo que é de interesse externo, mas algo que ela mesmo deseja discorrer sobre. Podemos, em um primeiro momento acreditar que ao utilizar o pronome de primeira pessoa “eu”, L1/E1 está assumindo a RE desse PdV, porém, como ela parte de uma pergunta de uma interlocutora podemos concluir que se trata de um PdV imputado a um outro. Quando L1/E1 apresenta a pergunta da interlocutora (Como identificar e se livrar da dependência emocional?), parte-se do pressuposto de que, ela está em busca de ajuda para identificar e se livrar da dependência, logo, livrar-se disso não é tarefa fácil. Consciente da complexidade envolvida na questão. L1/E1 parte da ideia de que é preciso fazer uma construção que explique como é possível se livrar disso, por isso o uso da marca

“só que”, dando a entender que para chegar ao tema central é preciso antes refletir sobre outros aspectos que também estão ligados a dependência emocional.

Trata-se então de uma imputação indireta, da qual L1/E1 usa o PdV de um outro, mas não imputa diretamente a outrem, mas fica claro que o ponto de partida de todo o encadeamento de ideias parte do PdV que está subentendido na pergunta da interlocutora.

No fio do discurso, somos apresentados a outros PdVs, que partem do PdV inicial, mas que nesse caso são assumidos por L1/E1, como nos excertos a seguir:

“Toda vez que vem essa palavra dependência **eu estou então, me referindo** a um tipo de vício. Dependência emocional também é uma espécie de vício [...]”

“Por que que **eu falo que é um vício**, então? [...]”

“Que **que eu estou chamando de adesão exagerada?** [...]”

“Uma outra coisa que **eu costumo observar muito né, e que eu até falo nas minhas palestras:** um dependente emocional ele está sempre sofrendo por amor, ou ele sofre porque ele não está num relacionamento que ele queria estar, ou ele sofre porque ele está no relacionamento, mas ele não se sente feliz nesse relacionamento, ou ele sofre porque ele terminou relacionamento e precisa se recuperar desse término, então dependente emocional ele tá sempre sofrendo por amor [...]”

“Uma outra ressalva que **eu queria falar com vocês** [...]”

Em todos os casos acima, L1/E1 assume a responsabilidade de todos os enunciados, e isso fica claro e demarcado pelo uso do pronome pessoal da primeira pessoa “eu”. Ao falar sobre “dependência emocional”, L1/E1 assume todos os PdVs presentes em seu discurso, e isso indica não apenas que existe uma segurança na temática apresentada, como também um *status* profissional que permite que ela fale sem imputar seus enunciados a um e2. Apesar disso, deixamos claro que os proferimentos de L1/E1 demarcam um entrelaçamento de vozes, já que o conhecimento científico parte de enunciadores segundos, ou seja, quando L1/E1 apresenta seu discurso, traz junto consigo todos os enunciados da psicologia e que servem de base para os PdVs proferidos por ela. Além disso, podemos identificar um entrelaçamento de vozes também com seus interlocutores e com os PdVs do senso comum que são apresentados no fio do discurso mesmo sem uma referência direta.

A presente análise foi elaborada com base no *corpus* coletado do canal Tranquilo amor da psicóloga e psicoterapeuta Luiza Colmán, dessa forma, como dito anteriormente, os enunciados partem de uma profissional habilitada e com certa experiência no campo das relações amorosas. Em seu discurso, L1/E1 assume a RE e isso nos permite deduzir que ela considere sua experiência suficiente e estudos na área suficientes para não recorrer a outrem. No entanto, vimos também que o discurso da locutora-enunciadora está em interação dialógica, já que enquanto psicóloga apresenta enunciados que são próprios do campo da Psicologia e, além disso, com sua experiência profissional (em consultório e como *Youtuber*), apresenta relação dialógica com os PdVs de seus pacientes e das pessoas com quem interage pelos comentários dos vídeos.

A questão é que esse *status* profissional é apresentado no início de quase todos os vídeos no canal, nos quais ela mesmo faz uma breve introdução e se apresenta enquanto profissional. Temos, assim, um discurso embasado nas experiências próprias (e como ela mesmo afirma: “**eu costumo observar muito né**”), mas que parte de observação à qual podemos atribuir um cunho científico, já que a observação a partir de parâmetros específicos está diretamente ligados à produção científica.

Apesar de estarmos lidando com o *status* de profissional habilitada em uma temática específica, sabemos que as produções científicas precisam de um embasamento teórico para que novas teorias ou até mesmo informações mais acuradas sejam disseminadas.

Essa é uma prerrogativa básica para que o conhecimento repassado tenha o mínimo de credibilidade, seja no meio acadêmico ou nas produções científicas em geral. O que podemos observar é que L1/E1 opta por assumir a RE de boa parte dos PdVs apresentados, e não obstante, muitas das vezes opta por superenunciar os PdVs imputados, dito isso, podemos, assim, nos perguntar o que justifica a recorrência da assunção dos PdV e a postura de superenunciação em relação aos PdVs retomados de outrem nesse gênero de discurso? Grosso modo, os canais das plataformas de vídeos existem com o propósito de trazer informação, entretenimento de forma acessível, e para isso, as plataformas estão cada vez mais democráticas e permitem que o conteúdo disponibilizado pelos e para os usuários sejam cada vez mais simples e acessíveis. Por ser um espaço monetizado<sup>3</sup>, mais importante que construção científica, os conteúdos precisam ser transformados em números que indicam o engajamento que aquele conteúdo

---

<sup>3</sup> Que foi objeto de monetização.

gera nos usuários. Logo, não é interessante que L1/E1 assuma uma postura fortemente demarcada pela produção científica, como o uso de termos técnicos, a explanação de postulados e até mesmo a citação de teóricos que não fariam tanto sentido aos interlocutores, pois, seguindo por esse caminho os seus conteúdos podem não alcançar um número considerável de usuários, já que as escolhas feitas no discurso permitem que ele penetre nas mais diversas camadas da sociedade.

Além disso, um último ponto a ser colocado é que ao assumir os PdVs do conteúdo proposicional, L1/E1 reforça ainda mais o *status* de profissional, já que demonstra segurança no conteúdo da temática apresentada e assegura as informações, que estão baseadas em fatos reais, uma vez que partem de suas observações diárias feitas em seu consultório e amparadas pelo saber científico que carrega devido a sua formação profissional.

Em apenas um momento no vídeo em questão, L1/E1 ampara sua fala em um E2, conforme reproduzimos no excerto a seguir:

Uma pessoa dependente ela vive um término quase como se fosse uma espécie de morte em vida, elas ficam profundamente abaladas, isso afeta todo o funcionamento da vida delas inclusive pessoas dependentes, elas estão mais suscetíveis, após o término, a desenvolverem transtornos de ansiedade e transtornos depressivos e inclusive tentaram suicídio. Pra vocês terem uma ideia **nas pesquisas ligadas à dependência emocional, elas apontam que uma pessoa que é dependente ela tem 30% de chance a mais de ter uma tentativa de suicídio ao longo do relacionamento e após o término do relacionamento**, pra vocês verem que é um tema realmente sério.

L1/E1, no caso acima, faz uso de um PdV de outrem para amparar a sua fala, quando cita dados de pesquisas às quais ela teve acesso e que corroboram o PdV anterior: “elas estão mais suscetíveis, após o término, a desenvolverem transtornos de ansiedade e transtornos depressivos e inclusive tentaram suicídio”. Nessa perspectiva, L1/E1 apresenta a informação e logo em seguida apresenta um E2 que sustenta o seu posicionamento. Assim, temos uma imputação da RE, que nesse caso é atribuída “às pesquisas”, às quais não temos acesso para saber quais são, mas que fica evidente o acordo de L1/E1. Como dito anteriormente, no contexto de vídeos em plataformas digitais a visada argumentativa não está direcionada à produção científica maciça, e sim em conquistar o engajamento. Citar uma pesquisa aqui cumpre o papel apenas de dar uma maior credibilidade ao discurso e de denotar que a informação não é apenas do L1/E1,

mas existem outros que afirmam o mesmo e por isso esse PdV merece uma atenção redobrada.

No excerto vemos que L1/E1 assume uma postura de coenunciação, já que constrói o PdV em conjunto com o E2. Como o objetivo de L1/E1 é claro, visto que o discurso do outro está presente e demarcado para gerar uma confiabilidade maior, estabelece-se uma co-construção de um PdV comum e partilhado entre os enunciadores (L1/E1 e e2). Somos introduzidos por L1/E1 ao PdV principal: “elas estão mais suscetíveis, após o término, a desenvolverem transtornos de ansiedade e transtornos depressivos e inclusive tentaram suicídio [...]” que, na verdade, já é uma co-construção do PdV apresentado logo a seguir: “nas pesquisas ligadas a dependência emocional, elas apontam que uma pessoa que é dependente ela tem 30% de chance a mais de ter uma tentativa de suicídio [...]”.

Não há sobreposição de vozes, visto que o objetivo argumentativo é apenas trazer dados científicos que corroborem os PdVs anteriormente apresentados. Como L1/E1 assume a RE de conteúdo enunciado, os dados da pesquisa aqui servem apenas como um suporte argumentativo, apenas reforçando que o discurso, ainda que partindo de uma profissional, não está sendo proferido com base em “achismos” e de observações diárias, mas tem também respaldo científico.

Cabe aqui uma colocação referente à análise supracitada. Nesta pesquisa, os esforços são direcionados a análise das posturas enunciativas, mas para o vídeo “**5 sinais da dependência emocional**” vimos um caso atípico já que quase em sua totalidade o *corpus* não apresenta imputação de PdV de maneira clara, o que podemos compreender é que existe sempre uma sobrenunciação, partindo do princípio do entrelaçamento de vozes, no qual L1/E1 parte de um PdV de uma interlocutora e apresenta outros PdVs, ora imputados, ora assumidos. Essa ressalva é importante para recordar o fato de que ao trabalharmos com materialidades advindas do discurso em seu uso mais elementar, não estamos falando de um ambiente controlado ou se quer estamos utilizando recursos didáticos por meio dos quais é possível uma manipulação para que tenhamos exemplos claros daquilo que estamos buscando demonstrar. Como no caso a seguir:

“Gente, **eu acho muito difícil. Eu não vou falar que impossível, porque quando se fala de comportamento humano**, né quase tudo é possível, mas é, da mesma forma que seria difícil um dependente químico parar de usar droga, um dependente afetivo também vai ter a mesma dificuldade [...]”



Apesar de em um primeiro momento acharmos que L1/E1 aqui assume a RE do PdV proferido devido o uso, mais uma vez, do pronome pessoal de primeira pessoa (eu), vemos que ela traz em seu discurso: “porque quando se fala de comportamento humano”, que é um dos conceitos estudados pela psicologia, dessa forma, mesmo não existindo uma marca clara de imputação do PdV, L1/E1 não apenas imputa, como superenuncia afirmando “**eu acho muito difícil. Eu não vou falar que impossível**”. Isso denota mais uma vez a sutileza da imputação nos discursos da psicologia, que, aqui, ainda é preciso considerar o co(n)texto em que esse conteúdo foi disponibilizado.

Os vídeos analisados não compõem um conteúdo específico para profissionais, ou alunos de uma graduação ou especialização (ainda que pela democratização dos conteúdos postados nas mídias sociais esse grupo também pode ter acesso a essas informações), eles foram elaborados e os discursos foram proferidos visando desconstruir informações do senso comum, ou seja, visando pessoas que não tem domínio do assunto, e dessa forma podemos compreender melhor as posturas utilizados por L1/E1.

Na produção científica sabemos que a ausência de dados também significa algo, e aqui temos um exemplo claro que mostra a opção feita por L1/E1 de não se valer de enunciados de um outro, assegura a ela um *status* de produtora do conhecimento e segurança quanto ao que está sendo dito, ainda que tenhamos consciência de que o discurso proferido por L1/E1 está sim composto por diversas vozes e que o que temos de fato é um interdiscurso. Apesar de não estarem demarcadas na materialidade, os enunciados segundos estão presentes, já que não se cria conhecimento é resultado de uma construção.

Como trouxemos inicialmente, é nítido que parte dos esforços empreendidos pelo L1/E1 é de desconstruir PdVs, que são considerados incorretos por ela, por novos PdVs que auxiliem os interlocutores a enxergar o amor sob uma nova perspectiva, a do amor saudável, ou amar com saúde. Podemos corroborar essa informação no excerto a seguir:

<p>[...] porque <b>muitas das pessoas confundem o que que é amor o que que não é amor</b>. A diferença realmente ela não fica muito clara, só que com isso as pessoas muitas vezes ficam presas em relações, durante anos lutando por aquilo que elas acreditam ser amor, mas que nem sempre é. [...] <b>frequentemente a gente costuma confundir amor com outras coisas [...]</b>”</p>
---

Vemos que L1/E1 imputa a RE do PdV para a sociedade de forma geral quando usa o termo “muitas das pessoas”, indicando que esse é um pensamento de uma quantidade considerável de pessoas. Para essa colocação vemos ainda que, a princípio, L1/E1 apresenta uma postura de coenunciação, já que se distancia do PdV, mas concorda com ele, afirmando que a diferença entre os dois conceitos de fato não é tão clara. Logo em seguida, L1/E1 apresenta um enunciado no qual o termo “a gente” provoca ao interlocutor uma proximidade em relação ao locutor, já que ele se inclui no PdV enunciado, porém, nesse caso, não estamos diante de uma assunção da RE, pois L1/E1 não utiliza o termo com o objetivo de indicar que ela também vivencia essa experiência, mas sim faz uso do termo para que isso gere um engajamento no seu público mostrando uma proximidade com o interlocutor, que não chega a constituir um acordo, pois o seu PdV toma outra direção: a de mostrar que amor é bem diferente de tudo aquilo com o que costuma ser confundido. Temos assim uma superenunciação.

Como está explícito no PdV imputado de que muitas pessoas confundem o que é amor e o que não é, somos introduzidos a uma sequência de PdVs, imputados à sociedade, e que tem como meta mostrar, ao mesmo tempo em que desconstrói, aquilo que para a locutora/enunciadora seriam as principais confusões envolvendo o amor.

**“amor é constantemente confundido com tesão.** Isso exatamente, TESÃO. [...] só que... amor é diferente de tesão. Primeiramente, amor requer CONHECIMENTO do parceiro [...]

**“Outra coisa que é muito confundida com amor é dependência emocional [...]** e é até coerente que as pessoas confundam porque culturalmente isso é muito propagado, amor como dependência. [...] A gente já deve ter escutado isso em algumas histórias de amor, mas isso não é amor, isso é dependência”

**“Outra coisa que é bastante / é confundido com amor é o ciúme [...]** Ao contrário do que as pessoas pensam, ciúme não está necessariamente associada a amor. Ciúme está associado a medo insegurança posse e controle”

Aqui temos casos claros de superenunciação, uma vez que a definição “amor e tesão” “amor e dependência e emocional” e “amor e ciúme” se mostram incompletas na visão de L1/E1. Incompletas pelo fato de que não existem esforços de anular os PdVs, já que é claro para L1/E1 que, de fato, boa parte das pessoas cometem esses equívocos dentro de uma relação, e, nas suas próprias palavras: “[...] é até coerente que as pessoas

confundam”. Nesses casos, L1/E1 não deseja reformular o PdV, mas sim acrescentar uma informação que nos leva a repensar esses conceitos: “só que... amor é diferente de tesão”; “isso não é amor, isso é dependência”; “Ao contrário do que as pessoas pensam, ciúme não está necessariamente associada a amor”; por isso a opção de sobrepor sua voz em relação ao enunciado do E2, mas sem descartar o PdV que está posto.

Como a visada argumentativa de L1/E1 é o de dar uma nova compreensão aos seus interlocutores a respeito do conceito de amor saudável, a postura de sobreposição se mostra eficaz pelo fato de que em seu discurso os PdVs imputados não se manifestam como conceitos, mas apenas como fatos observáveis tanto no cotidiano clínico, como nos mais diversos comentários deixados pelos interlocutores nos vídeos. Podemos afirmar que o locutor-enunciador assume uma posição de empatia, que é próprio do processo psicológico. Não condena as mais diversas compreensões sobre o amor (ainda que errôneas em sua concepção), mas opta por acolher os PdVs e superenuncia, dando uma nova visão a respeito da temática. Quando possível, L1/E1 também opta por coenunciação.

Ainda sobre a perspectiva de amor e saúde, temos os seguintes excertos:

**“Outra coisa que também é muito confundida com amor é o medo da solidão [...] É uma das coisas que mais mantém pessoas em relacionamentos ruins durante muito tempo, porque as vezes a gente não consegue se ver reconstruindo: nossa a vida sozinha sem o nosso parceiro tomando: as próprias escolhas as próprias atitudes cuidando: de si mesmo, e isso acaba fazendo com que a gente fique na relação por achar que a gente ama nosso parceiro **quando na verdade** a gente só tem medo: de ter que arcar: com a vida sozinho”**

**“Outra: coisa que é muito confundida com amor é o ego ferido [...] Quando a gente está numa relação e alguém é, e nos humilha, né, nos fere de alguma forma nos inferioriza: fere a nossa dignidade isso abala muito a nossa autoestima e a forma como a gente passa a nos: enxergar. Essa sensação de ferida nos liga a essa outra pessoa durante muito: tempo porque na verdade o que a gente realmente gostaria é que o outro reconhecesse: o nosso valor e nos pedisse: desculpa, só que essa necessidade ela cria um vínculo tão forte que constantemente traz sofrimento e por isso a gente entende que é amor **quando na verdade** é só uma ferida muito grande que foi aberta que precisa ser fechada”**

Nos exemplos acima, podemos observar que as escolhas feitas por L1/E1 são diferentes das anteriores, já que frente aos PdVs imputados temos nesses casos,

inicialmente, uma postura de coenunciação. Isso porque nos casos supracitados os enunciados foram elaborados em acordo com o PdV que L1/E1 gostaria de expressar. O enunciado demarca que, de fato, o amor é confundido com muitos outros sentimentos, e isso vemos desde os primeiros excertos. Logo, L1/E1 coenuncia com os PdVs que dizem que o amor é confundido com muitas coisas, dessa forma vemos que as definições então apresentadas se mostram incompletas, uma vez que L1/E1 já havia alertado seu público para as inúmeras confusões que as pessoas costumam fazer entre amor e outros sentimentos, por isso houve a necessidade por parte do locutor-enunciador de complementar o que está posto, já que as definições eram insuficientes ao objetivo final. Mesmo imputando a RE dos PdVs enunciados, L1/E1 opta por construir em conjunto a ideia que se apresenta dando uma complementariedade aos conceitos.

No entanto, no fio do discurso vemos que, em ambos os casos, L1/E1 faz uso da expressão **“quando na verdade”**, e isso no conduz a uma nova visada argumentativa. Vimos pois que L1/E1 deixa claro que o amor é muito confundido, e coenuncia com esse PdV, porém, ao utilizar a marca “quando na verdade” reorienta o discurso apresentando ao seus interlocutores que “o amor, geralmente, é confundido com algo, que na verdade trata-se de uma outra coisa”, e assim no vemos diante de uma postura de superenunciação.

Nos dois exemplos acima ficamos diante de um caso de encadeamento de posturas, no qual L1/E1 optou por coenunciar o PdV, para mais a frente sobrepor sua voz, mais uma vez desconstruindo os conceitos advindos do senso comum, e assumindo a postura de superenunciadora.

Podemos observar, então, que os esforços de L1/E1, em todos os excertos acima, foram de apresentar as confusões cometidas por pessoas no geral, já que ela mesma não delimita esse público, e, além disso, existia o objetivo de mostrar ao público que essas definições não são apenas de amor, já que as pessoas possuem os sentimentos que são constantemente confundidos com amor, não indica que elas não amam, mas que elas têm uma forma de amar adoecida. Logo, precisam desenvolver um “amor saudável”.

#### 4.1 “A relação idealizada”: as posturas enunciativas em relação aos PdVs sobre relacionamentos amorosos

Partindo para a segunda parte da análise, temos os PdVs que se referem aos relacionamentos saudáveis. É como se houvesse um encadeamento por parte de L1/E1 em seus PdVs, que são: “As pessoas não sabem o que é amor saudável, logo não terão

relacionamentos saudáveis”. Por isso que os esforços se desdobram em não apenas apresentar o que seria um amor saudável, mas também construir um relacionamento saudável, ou, em uma lógica inversa, identificar se o seu relacionamento está adoecido.

Como podemos observar, em todos os momentos L1/E1 parte do princípio de que existem certas características que são próprias de uma relação equilibrada, e isso não quer dizer que não existam características muito próprias em cada relacionamento, por isso que as escolhas enunciativas feitas pela locutora/enunciadora seguem o gênero do aconselhamento psicológico, que foi previamente apresentado. Dessa forma, o conteúdo dos vídeos não apresenta imposições, mas através de algumas indicações L1/E1 tenta conduzir seus interlocutores a repensarem suas relações, e isso fica claro no fio do discurso, quando vemos a defesa da ideia de que para existir relacionamento saudável, parte-se de um amor saudável.

Mais uma vez colocamos que isso justifica as escolhas feitas por L1/E1 e que foram vistas até agora, já que os conteúdos são melhor assimilados por seus interlocutores ao passo que ela apresenta posturas de co- e superrenúnciação.

Nos excertos a seguir veremos como L1/E1 se posiciona quanto aos PdVs a respeito dos relacionamentos amorosos.

**“Parece algo meio óbvio, né, as pessoas sabem da necessidade da autoestima [...] mas elas não investem o suficiente na autoestima [...] Infelizmente, eu percebo que as pessoas elas estão dispostas a investir muito em aspectos externos, para tentar encontrar o amor, mas se esquecem desse aspecto que é básico que é um investimento na autoestima”**

**“muitas vezes a gente acaba se relacionando com uma FANTASIA que a gente tem do outro. [...] A gente se relaciona as vezes com aquilo que eu gostaria que o outro fosse e não com aquilo que o outro de fato é. Quando eu tenho uma relação que ela é muito idealizada, muito possivelmente essa relação vai ser fonte de sofrimento pra mim e pro outro porque eu não consigo aceitar o outro como ele de fato é, e isso é básico: se eu quero ter uma relação saudável”**

**“Então, por fim, a última questão que eu queria compartilhar com vocês que eu acho que é muito: importante é que o amor saudável, ele implica em CRESCIMENTO e AMADURECIMENTO [...] ou seja, quando eu estou vivendo uma relação que de fato traz saúde eu vou perceber que eu amadureço: com ela, eu aprendo: nessa relação, geralmente eu me torno alguém melhor e mais maduro nessa relação”**

Os PdVs destacados acima, apesar de não apresentarem o termo “relacionamento” em sua composição, eles se referem à ideia de relação, já que L1/E1 em sua visada argumentativa busca apresentar necessidades, erros e consequências do processo de relacionar-se com um outro, e aqui, especificadamente, no contexto amoroso.

Vemos em: **“Parece algo meio obvio, né, as pessoas sabem da necessidade da autoestima [...] mas elas não investem o suficiente na autoestima [...]”**, que L1/E1 mais uma vez faz a opção de co-enunciar esse PdV imputado às pessoas, mas também assumido por L1/E1, ou seja, um PdV compartilhado entre ambos. Nesse caso, não há sobreposição de vozes, apesar do aparente desacordo gerado pela conjunção “mas”, porém nota-se que L1/E1 não sobrepõe a ideia de que “as pessoas sabem da necessidade da autoestima”. Existe aí apenas uma complementariedade da ideia de que, apesar de saberem da necessidade “elas não investem o suficiente”, logo o PdV demonstra-se mais uma vez incompleto para a visada argumentativa, pelo fato de que L1/E1 percebe, seja por sua experiência profissional, seja baseada em dados científicos, de que existe uma incoerência entre a concepção que as pessoas tem a respeito da autoestima e as atitudes que essas mesmas pessoas tem, principalmente no contexto das relações amorosas.

O mesmo ocorre no segundo excerto, já que ao enunciar **“muitas vezes a gente acaba se relacionando com uma FANTASIA que a gente tem do outro”**, mais uma vez L1/E1 faz a opção de coenunciar atentando aos interlocutores que uma relação idealizada ou fantasiosa gera apenas sofrimento. E com a marca “a gente acaba”, L1/E1 mostra um engajamento no PdV, mas também é uma forma de agir de maneira empática em relação aos interlocutores, já que se coloca no fio do discurso mostrando que existe um posicionamento próximo aos interlocutores, ou seja, uma compreensão da situação vivida pelos indivíduos.

No último excerto: **“Então, por fim, a última questão que eu queria compartilhar com vocês que eu acho que é muito: importante é que o amor saudável, ele implica em CRESCIMENTO e AMADURECIMENTO”** o PdV apresenta uma ideia de encerramento ou fechamento. L1/E1 outra vez coenuncia com o PdV, mas, nesse momento, objetivando apresentar o conceito por trás de relacionamento saudável, como aquele que não apenas funciona, mas gera amadurecimento, ou seja, conduz os sujeitos a um novo patamar das suas vidas. Um aspecto que chama atenção é o fato de que podemos acreditar que, pelo fato de termos o pronome pessoal da primeira pessoa no enunciado: **“que eu acho que é muito: importante”**, estamos diante de um PdV assumido por L1/E1, quando, na verdade, o trecho destacado se refere ao grau de importância que L1/E1

dá à informação compartilhada, já que estamos diante de mais uma enunciação que como ela mesmo evidencia faz parte da observação de “muitas pessoas”, da sua experiência de consultório e dos estudos da área que mostram que as relações saudáveis influenciam diretamente na saúde do indivíduo como um todo.

Por fim, temos o seguinte excerto:

“Outra coisa que é bastante / é confundido com amor é o ciúme. Ao contrário do que as pessoas pensam, ciúme não está necessariamente associado a amor ciúme está associado a medo insegurança posse e controle , por isso é perfeitamente possível alguém amar sem ter ciúmes e também é possível ter ciúme: sem amor. É interessante as vezes a gente não tem mais interesse afetivo em determinada pessoa, mas quando a gente vê ela com outro a gente sente ciúme. Isso chama-se posse. **Só que culturalmente, o ciúme tem sido associado às vivências do amor, mas isso não é verdade.** Ciúme: e amor são questões diferentes e a gente precisa aprender a diferenciá-las”

O excerto acima apresenta postura de superenunciação por parte de L1/E1 sobre os PdVs direcionados aos relacionamentos. Temos, pois, a imputação do PdV que afirma que culturalmente, ou seja, o PdV é um imputado a toda a sociedade e não apenas a uma esfera. Defendendo a ideia de que muitas pessoas confundem o que é amor e o que não é amor, L1/E1 apresenta uma ideia socialmente apreendida de que o ciúme está diretamente ligado ao amor, só que frente a esse PdV L1/E1 superenuncia apresentando uma concordância discordante. Concordância para o fato que o ciúme é associado ao amor, discordância para o fato de que essa postulação não é verdadeira. Podemos ainda notar que L1/E1 faz a enunciação de PdVs distintos com o uso da marca “mas isso não é verdade” e, logo após essa colocação, apresenta um novo PdV que se opõe ao anterior “Ciúme e amor são questões diferentes”.

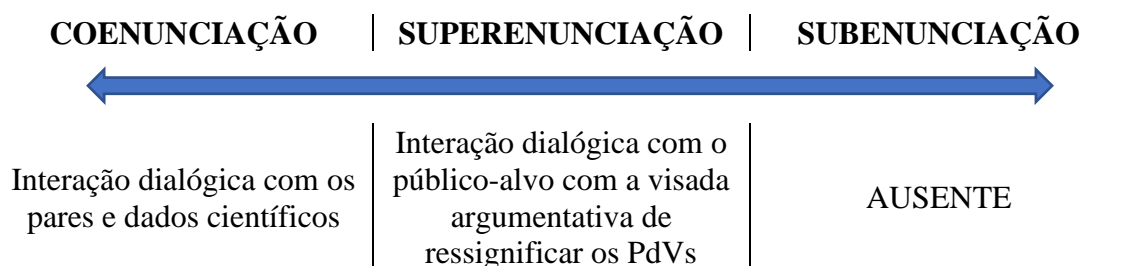
Ficam claras as escolhas feitas por L1/E1. Como uma profissional da psicologia, a mesma opta por caminhos que deixem claros os PdVs assumidos e imputados, ao mesmo tempo em que resguarda seu discurso de aconselhamento psicológico, que tem por característica priorizar o aconselhamento em detrimento do direcionamento. Podemos assim observar ainda que a ausência de posturas de subenunciação em todo o *corpus* indica que nos discursos proferidos não havia interesse de apresentar PdV que não fossem de fato relevantes aos objetivos argumentativos da locutora, pelo fato de que por ter uma visada argumentativa em trazer esclarecimento aos seus interlocutores, não faz sentido

que L1/E1 permaneça distante frente a um PdV imputado, já que falamos aqui do gênero de aconselhamento psicológico, e isso implica na reformulação de crenças apresentadas pelos interlocutores e que não estão de acordo com aquilo que o locutor-enunciador considera como um amor ou relação saudáveis. Por fim, o caminho da coenunciação, é esperado no objetivo de complementar PdVs que já estavam em acordo com a visada argumentativa, enquanto que o caminho da superenunciação se mostra o mais usual para sobrepor os PdVs imputados, principalmente porque em sua grande maioria, os PdVs são relacionados as concepções incorretas do que seria o amor saudável ou relações saudáveis.

Como dito anteriormente, por se tratar de uma pesquisa com um *corpus* coletado em uma situação real do uso do discurso, nos deparamos com uma realidade muito própria que é a possibilidade da ausência de dados para determinado conceito, que no caso foi em relação à subenunciação. A ausência de posturas de subenunciação nos mostra que mesmo a aparente ausência de dados, na verdade constitui um dado, mas isso já era esperado pelo fato de que nesta análise, podemos observar que em todos os excertos sempre houve um esforço por L1/E1 de apresentar conceitos como que prontos, mas que precisavam ser esclarecidos e conceitos que precisavam ser superados. Por estarmos diante de um conteúdo produzido por uma profissional que possui anos de estudo e experiência na área, compreendemos o fato de L1/E1 ter esse posicionamento de super-enunciador, pois, estamos diante de vídeos que têm um objetivo mais didático, já que os interlocutores estão em busca de esclarecimentos e soluções práticas para os seus problemas, desse modo, visando a desconstrução das ideias dos sujeitos que buscam o conteúdo, não faria sentido L1/E1 permanecer neutra frente aos PdVs.

Temos assim, a seguinte relação entre PdVs e posturas no *corpus* em questão, apresentado pelo quadro a seguir:

**Figura 5:** Relações entre posturas e interações dialógicas





Vemos que as escolhas enunciativas feitas por L1/E1 são condizentes em relação ao público, ao ambiente ao qual o conteúdo é disponibilizado, e ao seu lugar de fala enquanto profissional da psicologia, responsável por ajudar a desconstruir algumas concepções do senso comum, além de indicar aos seus interlocutores novas possibilidades frente aos desafios que são próprios da temática abordada.

A seguir temos um quadro com os PdVs e as marcas que indicam as posturas enunciativas identificadas. O quadro foi elaborado com o objetivo de apresentar de maneira mais completa os PdVs identificados no *corpus*.

**Quadro 2:** Pontos de vista (PdV) e Posturas enunciativas presentes no *corpus* analisado

Pontos de vista	Posturas de coenuniação
“Parece algo meio obvio, né, as pessoas sabem da necessidade da autoestima”	“mas elas não investem o suficiente na autoestima [...] Infelizmente, eu percebo que as pessoas elas estão dispostas a investir muito em aspectos externos, para tentar encontrar o amor, mas se esquecem desse aspecto que é básico que é um investimento na autoestima”
“muitas vezes a gente acaba se relacionando com uma FANTASIA que a gente tem do outro”	“A gente se relaciona as vezes com aquilo que eu gostaria que o outro fosse e não com aquilo que o outro de fato é. Quando eu tenho uma relação que ela é muito idealizada, muito possivelmente essa relação vai ser fonte de sofrimento pra mim e pro outro porque eu não consigo aceitar o outro como ele de fato é, e isso é básico: se eu quero ter uma relação saudável”
“Amor saudável também implica em cuidado”	“ou seja, eu ser capaz de cuidar e de receber: cuidado tanto cuidar quando receber são muito importantes para que eu consiga estabelecer aquele equilíbrio”
“Então, por fim, a última questão que eu queria compartilhar com vocês que eu acho que é muito importante é que o amor saudável, ele implica em CRESCIMENTO e AMADURECIMENTO”	“ou seja, quando eu estou vivendo uma relação que de fato traz saúde eu vou perceber que eu amadureço: com ela, eu aprendo: nessa relação, geralmente eu me torno alguém melhor e mais maduro nessa relação”
“Uma pessoa dependente ela vive um término quase como se fosse uma espécie de morte em vida, elas ficam profundamente abaladas, isso afeta todo o funcionamento da vida delas inclusive pessoas dependentes,	“Pra vocês terem uma ideia nas pesquisas ligadas a dependência emocional, elas apontam que uma pessoa que é dependente ela tem 30% de chance a mais de ter uma tentativa de suicídio ao longo do relacionamento e após o término do relacionamento, pra vocês verem que é um tema realmente sério”

<p>elas estão mais suscetíveis, após o término, a desenvolverem transtornos de ansiedade e transtornos depressivos e inclusive tentaram suicídio”</p>	
Pontos de vista	Posturas de superenunção
<p>“amor é constantemente confundido com tesão”</p>	<p>“amor é diferente de tesão. Primeiramente, amor requer CONHECIMENTO do parceiro”</p>
<p>“Outra coisa que é muito confundida com amor é dependência emocional”</p>	<p>“e é até coerente que as pessoas confundam porque culturalmente isso é muito propagado, amor como dependência. [...] A gente já deve ter escutado isso em algumas histórias de amor, mas isso não é amor, isso é dependência”</p>
<p>“Outra coisa que é bastante / é confundido com amor é o ciúme”</p>	<p>“Ao contrário do que as pessoas pensam, ciúme não está necessariamente associada a amor ciúme está associado a medo insegurança posse e controle”</p>
<p>“Só que culturalmente, o ciúme tem sido associado as vivências amor”</p>	<p>“mas isso não é verdade. Ciúme: e amor são questões diferentes e a gente precisa aprender a diferenciá-las”</p>
Pontos de vista	Encadeamento de posturas (co- e superenunção)
<p>“Outra coisa que também é muito confundida com amor é o medo da solidão”</p>	<p>“É uma das coisas que mais mantém pessoas em relacionamentos ruins durante muito tempo, porque as vezes a gente não consegue se ver reconstruindo: nossa a vida sozinha sem o nosso parceiro tomando: as próprias escolhas as próprias atitudes cuidando: de si mesmo, e isso acaba fazendo com que a gente fique na relação por achar que a gente ama nosso parceiro <b>quando na verdade</b> a gente só tem medo: de ter que arcar: com a vida sozinho”</p>
<p>“Outra: coisa que é muito confundida com amor é o ego ferido”</p>	<p>“Quando a gente está numa relação e alguém é, e nos humilha, né, nos fere de alguma forma nos inferioriza: fere a nossa dignidade isso abala muito a nossa autoestima e a forma como a gente passa a nos: enxergar. Essa sensação de ferida nos liga a essa outra pessoa durante muito: tempo porque na verdade o que a gente realmente gostaria é que o outro reconhecesse: o nosso valor e nos pedisse: desculpa, só que essa necessidade ela cria um vínculo tão forte que constantemente traz sofrimento e por isso a gente entende que é amor <b>quando na verdade</b> é só uma ferida muito grande que foi aberta que precisa ser fechada”</p>

O quadro acima encerra essa sessão e apresenta todos os PdVs e as posturas enunciativas identificadas no *corpus* com a finalidade de facilitar a compreensão a partir de um vislumbre do todo do qual nos propomos analisar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar as posturas enunciativas no discurso de uma psicóloga sobre o amor e as relações amorosas. Nessa perspectiva, procuramos compreender como se dá a gestão das vozes por parte do locutor e como os PdVs são assumidos ou imputados de acordo com os objetivos finais quanto ao seu interlocutor.

Seguindo o percurso, nos amparamos nos procedimentos de análise da ATD de Adam (2011) para compreender as construções sociodiscursivas nos mais diversos co(n)textos. Para isso, nos apoiamos principalmente no Esquema 4 (p. 61) presente em sua obra e que nos apresenta os níveis de análise do discurso em conjunto coma análise dos textos. Além de, também nos basearmos na obra de Rabatel (2016) que nos apresenta a conceituação das posturas enunciativas e nos dá as definições necessárias quanto a co-, super- e subenunciação.

Sabemos, então, que um profissional habilitado, ao falar sobre uma determinada temática, fará escolhas específicas considerando os seus interlocutores, e, dessa forma, buscamos investigar como se manifesta textual e discursivamente os pontos de vista, as posturas enunciativas e, conseqüentemente, os movimentos de (não) assunção da responsabilidade enunciativa produzidos no âmbito da Psicologia em um canal no *YouTube* sobre a temática do amor e das relações amorosas.

Trata-se, pois, de discursos elaborados e disponibilizados em uma plataforma de vídeos para que a maior quantidade de pessoas tenha acesso a essas informações. Como falamos de uma plataforma que monetiza as produções feitas pelos mais diversos usuários, os vídeos acabam adotando um padrão específico e são mais didáticos para que os interlocutores possam encontrar as informações e as respostas de forma rápida e direta.

Quanto à análise, ela foi organizada em duas categorias específicas que versam sobre o amor saudável e os relacionamentos saudáveis, respectivamente, e isso nos permitiu observar como são construídos os PdVs e como L1/E1 assume ou os imputa, e como são estabelecidas as posturas enunciativas além de como essas informações são apresentadas para seus interlocutores.

As escolhas feitas por L1/E1, a psicóloga, visam principalmente desconstruir algumas ideias que ela considera incorretas sobre a compreensão do que seria um amor saudável ou do que seria um relacionamento saudável, já que segundo nossa análise da imputação dos PdVs, essas ideias vêm de uma parcela considerável de pessoas da sociedade.

Em todos os discursos analisados, o L1/E1 optou por percorrer o caminho da co- e da superenunciação, e essas escolhas derivaram principalmente pelo fato de que não existe interesse de trazer discursos em que se estabelecerá uma completa distância, ou seja, as posturas de subenunciação não são utilizadas, já que para o fim mais didático adotado por L1/E1 o uso dessa postura não teria o efeito esperado, uma vez que para tornar o discurso mais claro, os recursos se resumem a apresentar um PdV imputado e complementá-lo (coenunciação) ou sobrepor-lo (superenunciação).

Os PdVs imputados são coenunciados, uma vez que em muitos momentos as concepções, sejam eles PdVs imputados aos interlocutores, ou imputado a um e2 mais científico, se mostram insuficientes, e por isso pedem uma co-construção para que façam o devido sentido no fio do discurso. Em alguns outros poucos momentos, os PdVs são superenunciados, e isso se dá pelo fato de que, o objetivo do locutor-enunciador é ressignificar as concepções que estão em desacordo com aquilo que se estabelece como um amor saudável. Pensando também no posicionamento profissional, é próprio da psicologia reorientar pensamento que estão em desacordo com a realidade ou que geram sofrimento aos sujeitos. Dessa forma, L1/E1 opta por sobrepor a sua voz às vozes de outrem, mais uma vez estabelecendo o que julga como verdadeiro na concepção de amor ou relacionamento.

Em resumo temos: postura de coenunciação quando o PdV imputado trata-se de um dado científico ou do arcabouço teórico da psicologia. As posturas de superenunciação surgem quando os PdV são imputados aos seus interlocutores, já que enquanto psicóloga e psicoterapeuta que presta um serviço à sociedade, seu principal objetivo é desconstruir as crenças errôneas sobre o amor e as relações amorosas. E quanto as posturas de subenunciação, a ausência já era esperada, já que não faz sentido L1/E1 nessa realidade co(n)textual, manter-se em posição discordante frente aos PdVs apresentados.

Frente a esses dados, podemos concluir que L1/E1 faz escolhas conscientes quanto ao uso e proferimento do discurso. Segue um padrão que tem sido eficiente na forma de comunicar aos interlocutores. Ainda colocamos que analisar um texto baseado nos postulados da ATD permitiu um olhar mais apurado em relação a ele, dessa forma buscamos compreender o funcionamento do discurso que está presente na circulação do nosso espaço social, ainda mais refletir sobre os vídeos de plataformas digitais, que de fato hoje se estabeleceram como um espaço consistente de formação de opinião. Fato relevante para levantar reflexões acerca dos efeitos de sentido suscitados no e pelo texto, e que, em nossa análise nos permitiu ainda, refletir sobre o texto a partir das posturas

enunciativas, que nos ajudou na compreensão das escolhas feitas na empreitada argumentativa. Essa pesquisa ainda contribuiu para nossa formação profissional, por ajudar a nos tornarmos sujeitos mais críticos e conscientes da importância de levar em conta tanto o explícito quanto o implícito do texto.

Quanto ao discurso analisado, percebemos que ele seguiu o que se esperava do gênero aconselhamento psicológico que não objetiva direcionar, mas conscientizar quanto às necessidades de mudança a partir de argumentos fundamentados. Estes elementos próprios ao gênero revelam a construção de uma postura, do primeiro locutor-enunciador, de um sujeito confiável pautado no conhecimento científico e, também, em sua experiência profissional para, assim, convencer seus interlocutores através de pontos de vista estrategicamente suscitados no texto/discurso.

Por fim, salientamos acerca da importância desta pesquisa monográfica, já que se trata de uma área vasta e para os mais diversos enfoques, desde o acadêmico ao da saúde mental, cuja abordagem necessita de divulgação, visto que se configura como um quadro teórico-metodológico em busca de consolidação. Nessa perspectiva, com esta pesquisa, buscamos ajudar na divulgação da ATD, além de deixarmos claro a possibilidade de aprofundar os estudos dessa pesquisa em outras situações e sob outros olhares.

## REFERÊNCIAS

ADAM, J.-M. **A linguística textual**: uma introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues et al. Revisão Técnica: João Gomes das S. Neto. 2. ed. revisada e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011. (Introdução e capítulos 1 e 2, p. 21-130);

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Tradução de Claudia R. Castellanos Pfeiffer, et al. Revisão técnica da tradução Eni Pulccinelli Orlandi Campinas: Ed. da UNICAMP. 1998

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BENTES, A.C. Linguística textual. In BENTES, A. C.; MUSSALIN, F. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2004, p. 245-287.

BERNARDINO, R. A. dos S. **A responsabilidade enunciativa em artigos científicos de pesquisadores iniciantes e contribuições para o ensino da produção textual na graduação**. 2015. 286 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Estudos da linguagem. Natal, RN, 2015. (Apoio CAPES).

FARIA, V. F. S. de. **Minha voz, tua voz, nossas vozes**: Uma análise da responsabilidade enunciativa em artigos acadêmicos /científicos 2015. 260 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Estudos da linguagem. Natal, RN, 2015.

GUENTCHÉVA, Z. **Manifestations de la catégorie du médiatif dans temps du français**. *Langue Française*. n. 102,1994, p. 8-23.

LOURENÇO, M. V. N. S. **Análise textual dos discursos: responsabilidade enunciativa no texto jurídico**, 2013, 230 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em:

<[https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/16383/1/MariaVNSL\\_TESE.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/16383/1/MariaVNSL_TESE.pdf)>.

Acesso em: 15 fev. 2022.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MORAES, R. **Uma tempestade de luz**: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2022;

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2013.

RABATEL, A. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática. Trad. Weslin de Jesus Santos Castro. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 12, p. 191-233, jul/dez. 2016b. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/1328/1089>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

RABATEL, A. A problemática geral do ponto de vista. In: RABATEL, A. **Homo narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Contexto, 2016a, p. 71-118.

ROSA, Flávio Cesar Oliveira da. **Análise textual dos discursos**: reponsabilidade enunciativa em resposta a questões de livros didáticos. 2017. 223 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017;

PÊCHEUX. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. p. 59-158.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distanciamentos. **Contextos Clínicos**, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 2-14, 27 jun. 2014. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <<http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2014.71.01>> Acesso em: 15 fev. 2022.

TRINDADE, I; TEIXEIRA, J.A.C. **Aconselhamento psicológico em contextos de saúde e doença** – Intervenção privilegiada em psicologia da saúde. *Revista Análise psicológica*, v.18, n.1, Lisboa, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312000000100001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312000000100001&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 fev. 2022.



## **APÊNDICE**

## Transcrição do *corpus*

### Vídeo 1 - 5 dicas para saber se é amor de verdade.

Viver um grande amor é um desejo muito intenso de boa parte das pessoas, só que nem sempre essa vivência é uma vivência fácil porque muitas das pessoas confundem o que que é amor o que que não é amor. A diferença realmente ela não fica muito clara, só que com isso as pessoas muitas vezes ficam presas em relações, durante anos lutando por aquilo que elas acreditam ser amor, mas que nem sempre é. Olá, meu nome é Luiza Colmán sou psicóloga e psicoterapeuta e eu trabalho auxiliando pessoas que sofrem por amor a desenvolverem formas mais saudáveis de amar. Seja bem-vindo ao tranquilo amor.

Frequentemente a gente costuma confundir amor com outras coisas e hoje nós vamos discutir algumas dessas temáticas que são constantemente confundidas com amor. A primeira delas: amor é constantemente confundido com tesão. Isso exatamente, TESÃO. Por que isso acontece? Quando você vive uma relação sexual intensa e muito prazerosa frequentemente você sente naquele momento uma sensação de união: de ligação: de fusão: essa sensação que a experienciada ao longo, né, da relação sexual é uma sensação muito parecida quando a gente está amando quando a gente está apaixonado por isso que é muito comum após a primeira relação sexual especialmente: as mulheres se apaixonarem pelos seus parceiros por que é tão intenso essa sensação de união que acaba causando uma certa confusão só que... amor é diferente de tesão. Primeiramente, amor requer CONHECIMENTO do parceiro. Você precisa conhecer aquela pessoa com quem você está. Tesão não, tesão você pode ter tesão em qualquer pessoa só que as pessoas acabam confundindo as experiências e se ligando a uma pessoa que as vezes ela nem conhece por ter tesão. Outra coisa que é muito confundida com amor é dependência emocional: e é até coerente que as pessoas confundam por que culturalmente isso é muito propagado, amor como dependencia. O que que eu estou chamando de dependência? Dependência emocional é uma condição de vulnerabilidade emocional em que eu me ligo de maneira muito intensa ao meu parceiro e faço dele o centro do meu mundo, ou seja, toda minha energia de vida é canalizada pro meu parceiro ele passa ser a razão do meu existir o sentido da minha existência. Bonito isso né ? A gente já deve ter escutado isso em algumas histórias de amor, mas isso não é amor, isso é dependência. Na dependência emocional frequentemente a gente sente como se a gente tivesse viciado: no parceiro as

vezes a gente até tenta termina ou se afastar mas a gente não consegue:. Uma das formas de você avaliar se você está mais dependente do que amando no seu relacionamento é se perguntar se você quer estar com seu parceiro ou você PRECISA estar com ele. Quando você precisa no lugar de querer geralmente você está dependente e não amando. Outra coisa que é bastante / é confundido com amor é o ciúme. Ao contrário do que as pessoas pensam, ciúme não está necessariamente associada a amor ciúme está associado a medo insegurança posse e controle, por isso é perfeitamente possível alguém amar sem ter ciúmes e também é possível ter ciúme: sem amor. É interessante as vezes a gente não tem mais interesse afetivo em determinada pessoa, mas quando a gente ver ela com outro a gente sente ciúme isso chama-se posse. Só que culturalmente, o ciúme tem sido associado as vivências amor é tão forte que algumas pessoas elas só se sentem amadas: quando o parceiro tem ciúme delas se não parece que o parceiro não ama, mas isso não é verdade. Ciúme: e amor são questões diferentes e a gente precisa aprender a diferenciá-las. Outra coisa que também é muito confundida com amor é o medo da solidão. É uma das coisas que mais mantém pessoas em relacionamentos ruins durante muito tempo, porque as vezes a gente não consegue se ver reconstruindo: nossa a vida sozinha sem o nosso parceiro tomando: as próprias escolhas as próprias atitudes cuidando: de si mesmo, e isso acaba fazendo com que a gente fique na relação por achar que a gente ama nosso parceiro quando na verdade a gente só tem medo: de ter que arcar: com a vida sozinho. Por fim outra: coisa que é muito confundida com amor é o ego ferido. Quando a gente está numa relação e alguém é, e nos humilha, né, nos fere de alguma forma nos inferioriza: fere a nossa dignidade isso abala muito a nossa autoestima e a forma como a gente passa a nos: enxergar. Essa sensação de ferida nos liga a essa outra pessoa durante muito: tempo porque na verdade o que a gente realmente gostaria é que o outro reconhecesse: o nosso valor e nos pedisse: desculpa, só que essa necessidade ela criar um vínculo tão forte que constantemente traz sofrimento e por isso a gente entende que é amor quando na verdade é só uma ferida muito grande que foi aberta que precisa ser fechada. Depois disso tudo que eu conversei com vocês fique atento pra realmente verificar se o que você sente é : ou não é amor e se você perceber em algum momento que não é amor será que tá valendo o ESFORÇO que você está fazendo pra estar nessa relação? Se você gostou: desse vídeo curta, comente, compartilhe e não esqueça de se inscrever no canal. Ame com saúde.

**Vídeo 2 - Amor saudável. Você sabe o que é?**

Olá tudo bem? Meu nome é Luiza Colmán eu sou psicóloga sou psicoterapeuta e eu trabalho auxiliando pessoas que sofrem por amor a desenvolverem formas mais saudáveis de amar. Sejam bem-vindos ao tranquilo Amor.

O amor é um dos temas mais discutidos na história da humanidade. A filosofia, a história, é/ a antropologia, a sociologia todas elas já estudaram a respeito amor. A arte também fez o amor o seu objeto de estudo e ainda faz, então músicas, pinturas, literatura, novela, livros ou seja o amor é um tema muito falado pelas pessoas, e também é um tema muito falado do nosso dia-a-dia, a gente conversa com os nossos colegas com os nossos amigos a respeito das nossas vivências no amor. Só que alguma vez você já parou pra falar de amor em perspectiva de saúde? Alguma vez você já parou pra prestar atenção em como seu relacionamento amoroso impacta na sua saúde de maneira positiva ou de maneira negativa? Bom, então essa nossa proposta no vídeo de hoje, pensar amor e saúde. Quando eu penso no amor saudável primeiramente eu tenho que entender que amor está ligado a uma conexão profunda que eu estabeleço com outro, ou seja, eu me sinto profundamente: ligado e conectado a essa outra pessoa que eu amo. Só que não amor saudável além dessa conexão com outro eu também estabeleço uma conexão comigo, ou seja, eu me preocupo eu cuido eu quero que o outro seja feliz mas eu também me preocupo comigo eu cuido de mim e eu também desejo minha felicidade. Qualquer peso a mais, de um lado ou de o outro dessa balança, que eu vou chamar de balança eu e outro é / pode trazer prejuízos tanto pra mim quanto, pra relação quanto pro meu parceiro, então é muito importante que ela esteja equilibrada. Outro aspecto muito importante do amor saudável e autoestima. Parece algo meio obvio, né, as pessoas sabem da necessidade da autoestima, mas elas não investem o suficiente na auto estima. Quando eu penso em estabelecer uma relação de amor saudável, a autoestima é um pilar fundamental. Infelizmente, eu percebo que as pessoas elas estão dispostas a investir muito em aspectos externos, para tentar encontrar o amor, mas se esquecem desse aspecto que é básico que é um investimento na autoestima, então se você percebe que você não tem autoestima sua autoestima tá muito comprometida tá muito rebaixada tá na hora de você olhar pra isso se você quer estabelecer um relacionamento que seja saudável. Outra questão muito importante quando a gente tá pensando em amor e saúde é que amor ele traz tranquilidade:, aconchego: na presença do ser amado, ou seja, o amor ele tem que trazer essa sensação de bem-estar se na sua relação o amor é sinônimo de desequilíbrio é sinônimo de destruição de medo de tensão, tem alguma coisa que não tá está funcionando muito bem nessa relação. Não quer dizer: que o amor não traga os desafios mas esses desafios eles

são superados em conjunto: e não devem ser sinônimo de profundo sofrimento constante:, ou seja, amor é paz. E pra gente então, construir uma relação de paz é muito importante que a gente aprenda a aceitar: o outro, isso faz parte do amor saudável, a aceitação: é principalmente das diferenças do outro. Quando eu me relaciono com uma outra pessoa eu preciso entender que, por mais que a gente tenha afinidade, é uma pessoa completamente diferente de mim e vai ter formas diferentes de ver a vida de se comportar e muitas vezes nós temos essa arrogância de achar que: a gente é que realmente sabe o que é o certo e o que errado na relação e querer mudar o jeito do outro, então amor tem a ver com aceitação: e respeito:: pela forma de ser do outro. Quando eu fico tentando sempre mudar a outra pessoa geralmente eu adoeço a minha relação. Outro aspecto que também é muito importante faz parte da aceitação, é que um amor saudável ele é baseado na realidade: muitas vezes a gente acaba se relacionando com uma FANTASIA que a gente tem do outro. A gente se relaciona as vezes com aquilo que eu gostaria que o outro fosse e não com aquilo que o outro de fato é. Quando eu tenho uma relação que ela é muito idealizada, muito possivelmente essa relação vai ser fonte de sofrimento pra mim e pro outro porque eu não consigo aceitar o outro como ele de fato é, e isso é básico: se eu quero ter uma relação saudável. Amor saudável também implica em cuidado:, ou seja, eu ser capaz de cuidar e de receber: cuidado tanto cuidar quando receber são muito importantes para que eu consiga estabelecer aquele equilíbrio, aquela balança que eu falei pra vocês do eu e do outro. Eu tenho é que conseguir cuidar do outro mas eu tenho não só que receber cuidado como me permitir ser cuidado também pra que essa relação seja saudável. Agora uma observação, cuidado só é cuidado de fato se quem eu cuido se sente cuidado, que muitas vezes eu acho eu acredito que eu tô cuidando do outro quando na verdade o outro não tem essa sensação de que tá sendo cuidado, as vezes ele tem a sensação de que tá sendo invadido, que está sendo controlado e isso não contribui para a relação, então cuidado é algo muito importante desde que o outro: se sinta realmente cuidado por você e você se sinta realmente cuidado pelo outro, isso vai alimentar o amor saudável na relação. Então, por fim, a última questão que eu queria compartilhar com vocês que eu acho que é muito: importante é que o amor saudável, ele implica em CRESCIMENTO e AMADURECIMENTO, ou seja, quando eu estou vivendo uma relação que de fato traz saúde eu vou perceber que eu amadureço: com ela, eu aprendo: nessa relação, geralmente eu me torno alguém melhor e mais maduro nessa relação. É importante entender que amor saudável ele não vem pronto, ele é construído ao longo da sua vida ao longo das relações que você vai estabelecendo e ele precisa de manutenção

constante, ou seja, mesmo que você chegue no amor saudável, ele não vai simplesmente permanecer saudável se você não continuar investindo para que ele continue saudável. Amar-se de forma saudável, pode ser algo realmente muito maravilhoso e quando você observa que a sua relação tá te trazendo ansiedade, angústia, paralisação, destruição e sofrimento, significa que a sua relação adoeceu, que esse amor ele adoeceu e que você precisa começar a olhar tanto pra essa sua forma de amar ou pra sua relação com **MUITO** cuidado. Amor pode ser a experiência mais maravilhosa da sua vida desde que seja com saúde. Se você gostou desse vídeo curta, comente, compartilhe, não se esqueça de se inscrever no canal vai ser um prazer saber o que que você achou dessa nossa discussão. Ame com saúde.

### **Vídeo 3 - 5 sinais da dependência emocional**

Você já sentiu alguma vez que você estava preso no relacionamento amoroso? Você já fez várias tentativas de sair desse relacionamento, mas você sempre acaba voltando? Você já teve um relacionamento que parecia que era pior com ele, mas muito pior sem ele ou já passou por alguma situação que quando você terminou relacionamento cê sentiu uma angustia tão profunda tão intensa que doía fisicamente? Se isso já aconteceu com você é possível que você tenha um quadro chamado dependência emocional e esse vai ser o tema do nosso Luiza responde de hoje. Mas antes da gente continuar não se esqueça de se inscrever no canal e clicar no Sininho pra ativar as notificações e se você quer saber mais sobre amor eu tenho um ebook que fala de como crenças podem estar sabotando seus relacionamentos amorosos. Ele é gratuito e pra baixar o link vai estar em algum lugar desse vídeo ou na descrição. E se você quer transformar a forma de se relacionar tendo menos expectativas e se relacionam de um maneira mais leve mais saudável eu tenho um curso chamado amor a segunda vista se você quiser saber mais informações basta clicar no link que vai estar lá na descrição.

Então pessoal, hoje eu vou responder a pergunta da Lih Ceni que perguntou o seguinte: “Como identificar se livrar da dependência emocional?” Essa pergunta da Lih também uma pergunta que muitas outras pessoas também já me fizeram aqui no canal eu acho que é um tema importante pra gente conversar, só que pra gente falar de dependência emocional primeiramente a gente tem que entender que este é um tema extremamente complexo então o objetivo desse vídeo vai ser te ajuda a identificar os sintomas de dependência e te ajudar a encontrar um caminho para superar esse problema, mas é claro

gente que esse tema ele tem vários outros aspectos que precisaria ser abordado, mas que eu não vou abordar nesse vídeo porque se não ia ficar muito grande, tá certo?

Então pra gente entender o que é dependência, primeira coisa a gente tem que entender que tudo que é dependência se refere a um vício. Você já ouviram falar muito, né sobre dependência de cigarro, dependência de álcool, dependência de drogas não é verdade? Toda vez que vem essa palavra dependência eu estou então, me referindo a um tipo de vício. Dependência emocional também é uma espécie de vício. Mas vício no quê, Luiza? Em duas coisas: vício em se apaixonar e tem pessoas que tem essa necessidade de estarem sempre apaixonadas e quando a gente está apaixonada gente nós temos, é, uma série de efeitos psicológicos e físicos na gente que é muito prazeroso por isso que algumas pessoas gostam tanto de estarem apaixonados, tá. Essa primeira coisa.

A outra coisa que faz a gente viciar na dependência emocional é um vício no afeto do nosso parceiro então, receber atenção, receber carinho, receber afeto, isso acaba se tornando uma necessidade tão vital que se torna um vício. Como é que funciona então dependência emocional? A pessoa, ela acaba se ligando muito fortemente a um determinado parceiro e essa ligação ela é super rápida tanto que as paixões dos dependentes emocionais elas são extremamente rápida então é uma paixão que ela vem com muita intensidade e com muita rapidez. Quando o dependente ele se apaixonar a pessoa passa ser o centro da vida dela, então o dependente, ele passa a gravitar ao redor desse parceiro toda energia de vida passa ser direcionado pra esse parceiro. Por que que eu falo que é um vício, então? Porque quando a gente é dependente, a gente acaba acreditando que não é capaz de viver sem a presença e atenção desse parceiro. É como se essa presença e essa atenção fosse a fonte nutridora da nossa vida, e é só de imaginar que essa pessoa vai sair da nossa vida provoca um profundo desespero e quando isso acontece a gente é tomada por uma sensação imensa de vazio, né, e de uma tristeza extremamente profunda. Isso acaba levando a gente a tentar retomar essa relação de alguma forma.

Uma outra característica também muito presente no funcionamento de pessoas dependentes é o verdadeiro pavor de serem abandonadas, ou serem trocadas, ou serem traídas, tá, então, com a o parceiro passa seu foco da vida e o foco da felicidade, né, dos dependentes a possibilidade de perde-lo é algo que traz muita angústia muito desespero. Uma outra coisa que os dependentes também tem muita dificuldade em lidar É com a solidão já que existe um vício estar apaixonado existe um vício no afeto do outro estar sozinha vai te deixar na situação de muito desconforto né, então os dependentes eles evitam isso a qualquer custo.

Uma outra grande dificuldade das pessoas dependentes, é de separação ou término de relacionamento. Uma pessoa dependente ela vive um término quase como se fosse uma espécie de morte em vida, elas ficam profundamente abaladas, isso afeta todo o funcionamento da vida delas inclusive pessoas dependentes, elas estão mais suscetíveis, após o término, a desenvolverem transtornos de ansiedade e transtornos depressivos e inclusive tentaram suicídio. Pra vocês terem uma ideia nas pesquisas ligadas a dependência emocional, elas apontam que uma pessoa que é dependente ela tem 30% de chance a mais de ter uma tentativa de suicídio ao longo do relacionamento e após o término do relacionamento, pra vocês verem que é um tema realmente sério. Mas Luiza, então como é que eu identifico, você já falou de algumas características mas quais que são os sintomas da dependência? E eu acho que isso é o mais importante tá.

Primeiro sintoma que você precisa prestar atenção. Existe uma adesão exagerada ao parceiro. Que que eu estou chamando de adesão exagerada? Eu não faço nada sem o meu parceiro. Como é o centro da minha vida eu não vou a nenhum lugar sem ele eu não me programo sem ele né, então tudo que eu vou fazer depende dele estar ou não presente na minha vida e isso é muito ruim primeiro porque os dependentes começam a ter uma presença muito sufocante para o parceiro, e esse é um dos grandes problemas no relacionamento com alguém dependente, a pessoa fica muito em cima de você o tempo todo porque ela tem essa necessidade de estar por perto. Se eu for fazer uma analogia com a dependência química né, quando a gente tem uma dependência de alguma coisa aqui que a gente precisa que a nossa droga esteja sempre por perto, né verdade? É a mesma coisa com a dependência afetiva.

Uma outra coisa que também é muito parecido com a dependência química é que o dependente afetivo ele tem síndrome de abstinência. Como é que funciona essa síndrome de abstinência? Quando o parceiro ele fica mais distante, ele fica mais frio, ou ele decidiu terminar um relacionamento, o dependente emocional, primeiro ele é tomado de uma crise de ansiedade extremamente intensa por estar distante do parceiro, além da ansiedade ele é tomado por uma angústia avassaladora uma angústia tão intensa que isso provoca sintomas físicos nessa pessoa, então a pessoa começa a ter dor no peito, extremamente intensa, um nó na garganta também muito intensa que muitas vezes fecha né, a garganta, além disso as pessoas começam a ter dificuldades para dormir, ou procuram dormir o dia inteiro pra ver se a dor diminui. As pessoas podem ter dificuldade pra comer ou comer só comer muito pra ver se anestesia né, se a comida anestesia um pouco essa dor. A síndrome de abstinência, gente, ela é tão intensa que geralmente ela que faz o dependente emocional



voltar pro relacionamento mesmo sabendo que esse relacionamento é ruim, mesmo muitas vezes entendendo que esse relacionamento pode ser tóxico, pode ser até mesmo abusivo a dor da abstinência é tão forte que ela muitas vezes não vê outra saída a não ser voltar pro relacionamento, e quando ela volta pro relacionamento ela tenta acreditar que vai ser diferente de alguma forma.

Um outro sintoma de dependência emocional são as várias tentativas é, sem sucesso que a pessoa faz de tentar sair do relacionamento Então, a pessoa que ela é dependente emocional, muitas vezes ela percebe que aquela relação ela não está boa, ela percebe que ela não é feliz ou que ela está insatisfeita né, ela pode então, como eu disse anteriormente, é perceber que aquela relação é abusiva então ela tenta sair da relação muitos dependentes inclusive, tem um histórico de ir e voltar com o relacionamento né, várias e várias vezes, ela tenta sair do relacionamento, mas quando ela tenta ela é tomada pela síndrome de abstinência e ela não suporta muitas vezes ficar longe daquele parceiro então ela acaba ou cedendo né, quando o parceiro insiste em procurá-la ou muitas vezes ela acaba pedindo pra voltar né, por isso que é tão comum que pessoas dependentes emocionais sejam tão insistentes pra retornar o relacionamento. Algumas delas inclusive, costuma mendigar né, afeto se se colocar em situações que comprometem a própria dignidade, é, justamente porque elas precisam voltar pra esse relacionamento para diminuir a dor da síndrome de abstinência então é uma situação muito sofrida por isso que a gente não pode julgar né, essas pessoas. É muito comum que quem não não é dependente não entenda esse processo né, e é um processo muito difícil.

Um outro sintoma também com comum a dependência é um esforço desproporcional né, de tempo de energia pra fazer o relacionamento funcionar então como parceiro é o centro da felicidade do dependente, ele vai fazer de tudo pra essa relação funcionar, ele vai abrir mão de qualquer coisa, ele vai canalizar toda a energia dele pra essa relação, ele vai se esforçar demais, inclusive é muito comum que os dependentes, eles assumam mais do que a 50% da responsabilidade de fazer um relacionamento funcionar, porque num relacionamento saudável cada parceiro tem 50 50 geralmente um dependente ele assume quase que toda a responsabilidade de fazer esse relacionamento é, funcionar eles costumam sentir muito que estão carregando um relacionamento nas costas, mas eles acham que vale a pena, ou que em algum momento a pessoa vai perceber né todo esse esforço e ele vai ser recompensado de alguma forma, por isso que eles continuam a se esforçar dessa maneira.

Um outro sintoma também que é muito característico da dependência emocional, é o prejuízo nas outras áreas da vida né, então como energia do dependente tá toda canalizada relacionamento amoroso, é muito comum que o dependente pare investir em outras áreas, então é, o dependente emocional se afasta dos amigos e se afasta da família, principalmente quando a família os amigos fazem oposição a esse relacionamento né, então elas abrem mão é, eles podem conseguir abrir mão da suas profissões né, então eles podem não aceitar a oportunidade de trabalho porque vai ter menos tempo com parceiro, e tem algumas pessoas que, inclusive, param de trabalhar porque o parceiro pediu né, então como a energia vai acumulando toda no relacionamentro outras áreas da vida elas vão ficando em segundo plano e vão tendo prejuízos, então o dependente ele num canaliza força pra cuidar da própria saúde, pra cuidar de si mesmo, pra ter um hobby, pra ter um momento de qualidade com outras pessoas, e isso é muito ruim, tanto pra saúde da pessoa dependente quanto para a própria relação, porque tornar relação muito mais pesada.

Então gente, essas são as características que eu acho que são mais importantes numa pessoa que sofre dependente emocional. Uma outra coisa que eu costumo observar muito né, e que eu até falo nas minhas palestras: um dependente emocional ele está sempre sofrendo por amor, ou ele sofre porque ele não está num relacionamento que ele queria estar, ou ele sofre porque ele está no relacionamento mas ele não se senti feliz nesse relacionamento, ou ele sofre porque ele terminou relacionamento e precisa se recuperar desse término, então dependente emocional ele tá sempre sofrendo por amor.

Mas e aí, que que eu faço com isso né, como é que eu saio desse processo de dependência que traz tanta dor e tanto sofrimento? Gente primeira coisa que vocês precisam entender como o funcionamento da dependência emocional é um funcionamento de um vício vai dar trabalho sair dela. Você já tentou parar algum outro vício? já tentou parar de fumar, parar de beber, parar de comer muitas vezes, é muito difícil a gente mudar isso, né então pra sair de qualquer forma né, de dependência eu preciso ter muito comprometimento muita força de vontade eu preciso querer de verdade sair, porque senão eu não vou ter energia pra enfrentar os vários desafios que eu vou ter pela frente, tá certo?

OK, quero sair! Primeiro passo que eu tenho que que fazer, é admitir que eu tenho um problema. Eu só posso procurar ajuda se eu admito pra mim que eu tenho problema e que não é normal sofrer tanto por amor. E gente, não é normal, tá? Quando eu admito que eu tenho um problema eu preciso fazer o que? Eu preciso procurar ajuda. Quais são os profissionais que geralmente ajudam nesse processo de tratamento da dependência

emocional? São os psicoterapeutas e os psiquiatras, tá? Os psicoterapeutas, eles vão te auxiliar a refazer sua forma de amar a desenvolver uma forma de amar que seja mais saudável. Além disso, eles vão também te ajudar a desconstruir uma série de crenças distorcidas a respeito do amor. Eles vão trabalhar em você é muitas vezes o seu medo né, de perder a pessoa de ser abandonada que são menos que estão ligados a sua infância, e eles vão trabalhar fortemente no fortalecimento da sua autoestima. Já o psiquiatra, gente, é, pode estar associado, né ou não, no tratamento da dependência. Em alguns casos quando dependência emocional é muito intensa e a síndrome de abstinência é muito forte, eu recomendo sim procurar um psiquiatra, porque o psiquiatra mais passar uma medicação que vai te ajudar a lidar com esses sintomas de abstinência, tá certo? Vai diminuir ansiedade e vai diminuir a dor que você está sentindo pra que você consiga resistir a vontade de voltar pro relacionamento, tá certo? Mas Luiza, eu não consigo parar né, sozinha eu não consigo sair da dependência sozinha? Gente, eu acho muito difícil. Eu não vou falar que impossível, porque quando se fala de comportamento humano, né quase tudo é possível, mas é, da mesma forma que seria difícil um dependente químico parar de usar droga, um dependente afetivo também vai ter a mesma dificuldade. Parar um vício sozinho é sempre muito mais difícil, tá certo? Então eu realmente recomendo que você procure ajuda.

Uma outra coisa que é importante entender a respeito da dependência, tá? Assim como no processo de tratamento das dependências químicas, é natural que haja recaídas, tá? Então não é uma coisa que você vai fazer um tratamento e rapidamente você vai deixar de ser dependente, é um processo, você vai aprendendo amar de outra forma então você vai precisar ter muita paciência com você mesma e muito comprometimento com esse tratamento, e recaídas são esperadas. Todo processo que trabalha vícios, a gente espera recaídas, então é porque você recaiu que você nunca vai dar conta de sair desse problema, tá? Mas o que você precisa entender é que existe tratamento, existe recuperação e dependência emocional não precisa ser um destino.

Uma outra ressalva que eu queria falar com vocês. Muitas vezes as pessoas não acham que elas são dependentes porque elas são independentes em outras áreas da vida. Por exemplo, se você mora sozinha se você é muito independente financeiramente, né? Muitas vezes a gente acha que uma coisa, né? Eu ser independente outras áreas vai de alguma forma me prevenir, né? De ter é uma dependência emocional e isso não é uma realidade, tá? Eu posso ser é muito independente outras áreas da minha vida e ser extremamente dependente no relacionamento amoroso, inclusive eu escuto de algumas

peessoas que quando elas entram num relacionamento amoroso, parece que elas mudam de personalidade, sabe? Que fora do relacionamento, elas são super seguras, super tranquilas equilibradas, quando elas entram no relacionamento parece que engatilha uma coisa que muitas vezes elas não se reconhecem, isso é a dependência emocional.

Pra finalizar eu queria falar com vocês que, ó gente, sofrimento por amor como é na dependência, realmente não precisa ser destino. Amor é pra ser leve, amor é pra acrescentar, é pra trazer saúde e não pra trazer adoecimento. Se isso está acontecendo com você, você tem toda condição de mudar isso na sua vida só depende de você escolher se tratar.

Se você gostou desse vídeo deixe aí o seu joinha pra mim, seu comentário que eu vou adorar saber. E se você acredita que esse conteúdo pode ajudar outras pessoas, me ajude compartilhando ele com máximo de pessoas possíveis. E se você quer saber mais sobre relacionamentos amorosos, não deixa de me seguir lá no Instagram, @tranquiloamor que lá eu posto conteúdo diariamente a respeito dos relacionamentos amorosos.

Ame com saúde.